

# FRANCISCO, O PAPA DOS POBRES

1936 - 2025



Reprodução/Vatican News

Franciscus: o pontífice que pôs os pobres no centro da Igreja e fez da compaixão sua revolução, despede-se deixando um mundo ainda em busca da paz que tanto pregou

**focus**  
**BRASIL**

Papa Francisco, um símbolo de diálogo, simplicidade e inclusão

Pe. Júlio Lancellotti: 'Francisco não desaparecerá; ficará o misericordioso'

Lula e o papa Francisco: a troca de cartas que marcou um diálogo de respeito

Lideranças do PT lamentam a morte do Papa Francisco e destacam legado



**>> PROGRAMA**  
**Reconexão Periferias**

exibido quinzenalmente, às terças, 17h no canal da FPA

**▶ ACOMPANHE :** [▶/FundacaoPerseuAbramo](https://www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo)



**FUNDAÇÃO**  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

focus  
**BRASIL**

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

**Diretor de Comunicação:** Alberto Cantalice

**Coordenador de Comunicação:** Pedro Camarão

**Coordenador editorial:** Guto Alves

**Diagramação e Arte:** Nathalie Nascimento

**Colaboradores:** Claudia Rocha, Fernanda Estima,  
Fernanda Otero, Henrique Nunes



**FUNDAÇÃO**  
**Perseu Abramo**  
Partido dos Trabalhadores

### **DIRETORIA EXECUTIVA**

**Presidente:** Paulo Okamoto

**Vice-presidente:** Brenno César Gomes de Almeida

**Diretoras:** Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Raiol

**Diretores:** Alberto Cantalice, Alexandre  
Macedo de Oliveira, Carlos Henrique Áraabe,  
Jorge Bittar e Valter Pomar

### **CONSELHO CURADOR**

**Presidenta:** Eleonora Menicucci

**Conselheiros:** Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana Maria de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton Ferreira Viana, Camila Vieira dos Santos, Dilson de Moura Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada Lopes, José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima, Laís Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif, Pedro Silva Barros, Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena Gabrielli Barreto, Vladimir de Paula Brito.

### **SETORIAIS**

**Coordenadores:** Elisângela Araújo (Agrário), Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas (Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres), Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência), Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

### **CONTATOS**

[webmaster@fpabramo.org.br](mailto:webmaster@fpabramo.org.br)

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana  
São Paulo (SP) – CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



# Franciscus

O Papa que revolucionou a Igreja com gestos de simplicidade, diálogo sem fronteiras e inclusão radical. Seu pontificado redefiniu o catolicismo ao colocar os pobres no centro, deixando um legado eterno de misericórdia e humanidade. **pág. 05**

## CARTA AO LEITOR

Papa Francisco e a defesa dos pobres

**pág. 04**

## DESPEDIDA

Papa Francisco, um símbolo de diálogo, simplicidade e inclusão

**pág. 05**

## DIGNIDADE

Lula e o papa Francisco: a troca de cartas que marcou um diálogo de respeito

**pág. 08**

## EXCLUSIVO

Padre Júlio Lancellotti:

“Francisco não desaparecerá; ficará o misericordioso”

**pág. 09**

## BRASIL PET

Governo lança política nacional para proteger cães e gatos e combater maus-tratos

**pág. 10**

## MEC

Fies abre vagas remanescentes

**pág. 12**

## ENTREVISTA

Fernando Morais “Sou um insatisfeito com o que escrevo”

**pág. 13**

## ECONOMIA

Inflação em queda e PIB em alta: previsões do mercado indicam economia mais estável

**pág. 22**

## LEGADO

Lideranças do PT lamentam a morte do Papa Francisco e destacam legado

**pág. 26**

## NOTA PT

Partido recebe com pesar falecimento do Papa Francisco

**pág. 28**

## CULTURA

Quatro livros da Ed. FPA para entender a América Latina

**pág. 29**

Papa: cuidado com os falsos “messias”, o ser humano é o verdadeiro templo de Deus



# Papa Francisco e a defesa dos pobres

“Não há caminho fora da solidariedade e da justiça social. Era isso que pregava Francisco”, escreve Alberto Cantalice sobre o legado do Papa que enfrentou a miséria, o preconceito e o neoliberalismo

Alberto Cantalice

**A**o escolher o nome Francisco para exercer seu papado, Jorge Bergoglio dava mostras claras de seus compromissos com os pobres e desfavorecidos — compromisso sólido que assumira desde o início de sua atividade pastoral, nas décadas de 1960 e 1970, em sua terra natal, a Argentina.

Comandando uma instituição que perdura há dois mil anos, Francisco,

buscando as heranças de João XXIII e Paulo VI, vocacionou seu ministério às lutas contra as iniquidades da miséria e do desprezo que vitimam os pobres e desvalidos do mundo. Buscou uma relação mais profícua com outras religiões, pregando a concórdia e o ecumenismo mundo afora.

Incansável, foi considerado um papa profundamente workaholic. Nem nas fases de doença, muito pela idade avançada, deixou de comandar missas e homilias nos mais diversos quadrantes. Sua compreensão mais acurada das questões das minorias abriu uma janela de oportunidade para a Igreja romper preconceitos e

serviu de alento para esses segmentos, vítimas das mais vis perseguições.

Ao questionar o consumismo exagerado e a ganância por benesses por parte dos poderosos, atraiu para si a ira dos mercadores da religiosidade. Foi chamado de comunista por ignorantes e estigmatizado por aqueles presos à lógica dos seus mundos paralelos.

Num século XXI marcado pela distopia e pelas notícias falsas, Francisco, como portador de sua verdade, fará muita falta.

O processo de renovação empreendido por ele na Igreja Católica não retrocederá. Em um mundo que cada vez mais necessita de lucidez e tranquilidade, os católicos podem ser um dos vetores de bom senso.

O legado do Papa Francisco atravessará gerações. Poderá contribuir para que a generosidade e a esperança pairem sobre a humanidade. Pode ser o fio de esperança que ajude a romper com a barbárie instaurada pela superexploração dos seres humanos e pela falta de perspectivas trazida pela avalanche neoliberal que persiste.

Não há caminho fora da solidariedade e da justiça social. Era isso que pregava Francisco! ■



Visita do papa ao Brasil reuniu 3,7 milhões de pessoas no Rio em 2013, primeira viagem do papa recém eleito

# Papa Francisco, um símbolo de diálogo, simplicidade e inclusão

O legado de Francisco, o papa das periferias, que uniu fé, justiça social e esperança em tempos de crise

**J**orge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, morreu nesta segunda-feira (21), em Roma, aos 88 anos. Primeiro pontífice latino-americano e jesuíta da história da Igreja, ele se destacou por conduzir um dos papados mais marcantes do século, marcado pela defesa dos pobres, dos marginalizados e pela promoção de uma Igreja mais próxima das periferias do mundo. O Vaticano informou que a morte ocorreu às 7h35 (horário local). Recentemente, o papa passou por longa internação em razão de complicações respiratórias.

Sua última aparição pública foi no domingo de Páscoa, na sacada da Basílica de São Pedro, onde proferiu com dificuldade suas últimas palavras públicas: “A paz é

possível.” Visivelmente debilitado, Francisco teve sua mensagem lida por um clérigo assistente, encerrando um papado de 11 anos que aproximou o catolicismo de temas sociais urgentes sem alterar sua doutrina.

No comunicado oficial, o Vaticano anunciou: “O Bispo de Roma, Francisco, retornou à casa do Pai. Toda a sua vida foi dedicada ao serviço do Senhor e de Sua Igreja.”

## Papa das periferias

Nascido em Buenos Aires, em 17 de dezembro de 1936, filho de imigrantes italianos, Bergoglio ingressou na Companhia de Jesus aos 22 anos. Ordenado sacerdote em 1969, viveu sob a sombra da ditadura militar argentina, período em que, apesar de críticas por

sua discrição, intercedeu por religiosos perseguidos e protegeu vítimas do regime.

Escolhido papa em 2013, após a renúncia de Bento XVI, adotou o nome Francisco em homenagem a São Francisco de Assis, revelando desde o início o viés pastoral e social que marcaria sua liderança. Ele logo se tornou símbolo de um papado “em saída”, voltado aos pobres, migrantes, populações indígenas, moradores de rua e prisioneiros. A expressão “periferias existenciais” se tornou central em seus discursos e documentos oficiais.

Francisco rejeitou os luxos do cargo, preferindo viver na Casa Santa Marta em vez dos aposentos papais. Viajou para campos de refugiados, lavou os pés de presidiários em missas da Quinta-Feira



Sínodo para a Região Pan-Amazônica, realizado por Francisco para debater a situação da região amazônica, como ecologia e direitos dos povos indígenas.



Novas fronteiras: Documento sobre a Fraternidade Humana em Abu Dhabi (2019), assinado em conjunto com o Grão Imame al-Tayeb, fundamental para angular do diálogo islâmico-cristão

Santa, visitou favelas, abençoou crianças abandonadas e promoveu uma Igreja menos institucional e mais humana.

## Críticas ao mundo fechado e desigual

Com uma postura progressista no discurso, embora conservador na doutrina, Francisco denunciou o egoísmo global diante das crises migratórias, a cultura do descarte, o preconceito contra os pobres e a destruição ambiental. “Aos pobres não se perdoa nem a própria pobreza”, escreveu em uma de

suas mais importantes homilias.

Na encíclica *Laudato Si'* (2015), alertou sobre os efeitos devastadores da crise ecológica e do modelo econômico excludente. Em *Fratelli Tutti* (2020), reforçou a fraternidade universal como antídoto ao ódio, ao racismo e à xenofobia: “Confundir unidade com uniformidade é uma tentação diabólica”, afirmou.

Repetidamente, denunciou o fechamento de fronteiras e a violência contra migrantes, como na sua visita a Lampedusa, em 2013, onde criticou a “globalização da indiferença”.

## A última mensagem: “A paz é possível”

Na véspera de sua morte, Francisco enviou ao mundo sua derradeira mensagem de Páscoa. Com a voz frágil, defendeu que não pode haver paz sem liberdade religiosa, de pensamento e respeito às diferenças. Condenou a corrida armamentista e apelou aos líderes mundiais para que usem os recursos não em armas, mas no combate à fome e ao cuidado com os mais vulneráveis.

Pediu atenção especial a países como Mianmar, Ucrânia, Iêmen, Líbano, Síria, Sudão e Palestina. “Diante da crueldade dos conflitos que atacam civis indefesos, escolas e hospitais, não podemos esquecer que não são alvos que são atingidos, mas pessoas com alma e dignidade humana.”

Francisco também reiterou sua esperança em soluções pacíficas para as tensões no Cáucaso, nos Bálcãs e no continente africano. “O perdão triunfou sobre a vingança”, afirmou.

## Reconhecimento político

A morte de Francisco gerou comoção global. No Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva decretou luto oficial de sete dias. Em nota, afirmou que o Papa foi uma “voz de respeito e acolhimento ao próximo”, e destacou sua atuação em temas como justiça social, mudanças climáticas e desigualdades globais. “Ele sempre se colocou ao lado de quem mais precisa”, disse Lula.

O presidente também lembrou seus três encontros com Francisco: em 2020 e 2023 no Vaticano, e em 2024, durante a Cúpula do G7 na Itália, onde o Papa participou como orador e defendeu o uso ético da inteligência artificial e o fim das armas autônomas letais.

Janja da Silva, primeira-dama, também se reuniu com Francisco

em fevereiro de 2025, em Roma, para discutir a situação de mulheres e meninas afetadas pela pobreza e a fome.

## A visita ao Brasil e a marca no continente

Em 2013, apenas meses após sua eleição, Francisco escolheu o Brasil como destino de sua primeira viagem internacional. Veio para a Jornada Mundial da Juventude, onde arrastou multidões em Copacabana e emocionou os fiéis ao visitar a favela da Varginha e o Santuário Nacional de Aparecida. Foi recebido pela então presidenta Dilma Rousseff.

Sua presença no país reforçou sua conexão com a América Latina e com os movimentos populares. Em discursos memoráveis, defendeu “terra, teto e trabalho” como direitos inalienáveis e pediu uma economia a serviço da vida, não do lucro.

## Um legado gravado no coração do povo

O Papa Francisco deixará como herança um modelo de liderança espiritual voltado à compaixão, ao diálogo e à justiça social. Não mudou os dogmas centrais da Igreja, mas imprimiu uma guinada pastoral histórica, colocando os excluídos no centro da missão católica.

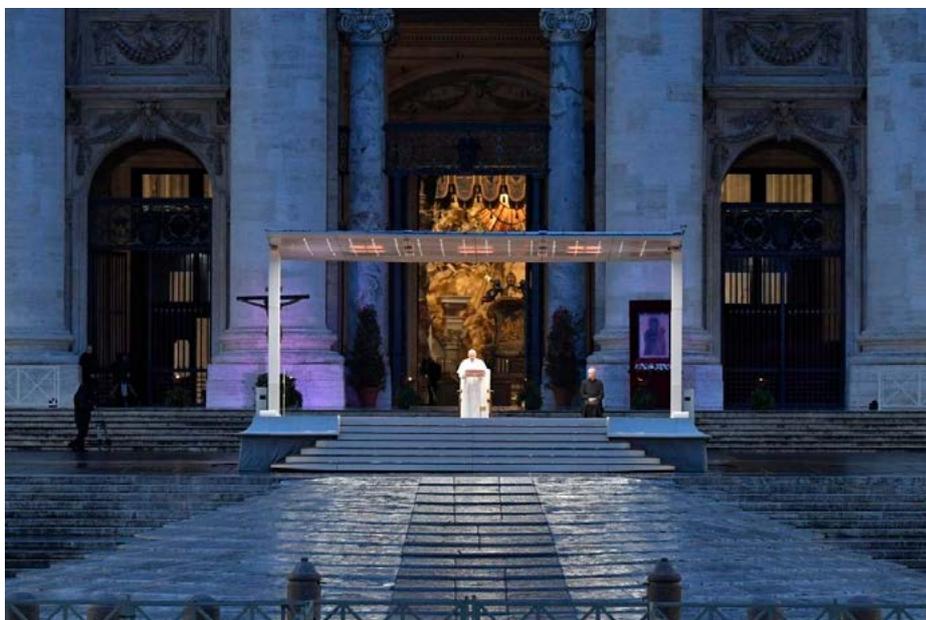
Lula resumiu seu legado citando a oração de São Francisco: “O Papa buscou de forma incansável levar o amor onde existia o ódio. A união, onde havia a discórdia.”

Francisco dizia que queria uma Igreja “pobre para os pobres”. Foi essa imagem que ele cultivou: a de um pastor que não teve medo de tocar as feridas do mundo — e de apontar as chagas de uma humanidade cada vez mais indiferente. Sua morte encerra uma era, mas suas palavras ecoarão onde mais desejava: nas periferias, onde pulsa a vida que ele sempre defendeu. ■



Reprodução/Vatican News

Visita ao Iraque: Papa Francisco se reúne com o grande aiatolá xiita Ali al-Sistani na cidade iraquiana de Najaf



Reprodução/Vatican News

27 de março de 2020: a oração e a bênção do Papa Francisco em uma Praça São Pedro deserta e sob chuva durante a Pandemia de COVID-19



Reprodução/Vatican News

“Senhor, perdão por tanta crueldade”: silêncio e oração marcaram a visita do Papa a Auschwitz, em julho de 2016



# Lula e o papa Francisco: a troca de cartas que marcou um diálogo de respeito

O líder da Igreja Católica, que faleceu nesta segunda-feira (21), manteve uma relação de profunda admiração com o atual presidente da República

Henrique Nunes

**E**m 29 de maio de 2019, Luiz Inácio Lula da Silva enfrentava uma das maiores batalhas de sua vida: o cárcere político, decretado sem provas ou crime definido, em vigor desde 7 de abril do ano an-

terior.

Naquela época, o hoje presidente, então preso, já havia recebido, na cela onde cumpria sua pena, diversas lideranças políticas e religiosas, além de artistas. Do lado de fora, centenas de pessoas mantinham vigília em frente à sede da Polícia Federal em Curitiba, em apoio a Lula.

Mas, naquele dia, uma men-

sagem escrita à mão teria um impacto tão profundo quanto as demonstrações de solidariedade presenciais. A carta era assinada pela maior autoridade católica do mundo: o argentino Jorge Mario Bergoglio, conhecido como papa Francisco.

O pontífice respondia a uma missiva enviada por Lula em 3 de maio daquele ano. Na resposta, Francisco expressou solidariedade diante das perdas familiares do presidente: “Quero [...] lhe encorajar, pedindo que não desanime e continue confiando em Deus”, escreveu ao final da mensagem.

Não era a primeira vez que o papa manifestava apoio. Em agosto de 2018, ele já havia enviado outra carta a Lula, acompanhada de um rosário e de uma dedicatória no livro “A Verdade Vencerá”, obra baseada em entrevistas com o ex-presidente e lançada no início daquele ano. Os presentes foram entregues por meio do chanceler Celso Amorim.

Na carta de maio, Francisco também refletiu sobre o papel da política, em palavras que ecoaram entre defensores da democracia: “Estou convencido de que a política pode tornar-se uma forma eminente de caridade, se for exercida com respeito fundamental pela vida, a liberdade e a dignidade das pessoas.”

A afinidade entre os dois ganhou novos capítulos em 13 de fevereiro de 2020, quando se encontraram pessoalmente, três meses após Lula deixar a prisão. O encontro durou cerca de uma hora, e, segundo a assessoria do ex-presidente, os temas abordados foram desigualdade, fome, meio ambiente e justiça social – questões centrais no pontificado de Francisco desde 2013.

Em 2023, já com Lula de volta à Presidência, um novo encontro ocorreu no Vaticano. Desta vez, discutiram novamente a fome, a luta por justiça social e o futuro da Igreja Católica no Brasil e na América Latina. ■



## Padre Júlio Lancellotti: “Francisco não desaparecerá; ficará o misericordioso”

“Vamos sentir sua falta física, mas seu magistério permanece”, afirmou Padre Júlio em entrevista à Focus Brasil. “O papel do Papa é confirmar a fé, e Francisco fez isso especialmente para os mais fracos e sofredos. Seu legado é esse relacionamento de amor e confiança com os excluídos.”

Fernanda Otero

**E**m uma conversa exclusiva com a Focus Brasil, o coordenador da Pastoral do Povo da Rua de São Paulo, Padre Júlio Lancellotti, lamentou profundamente a morte do Papa Francisco. O vínculo entre o padre, conhecido por seu trabalho em defesa dos direitos humanos e das pessoas em situação de vulnerabilidade, e o Papa, que assumiu o pontificado em 2013, foi marcado por uma relação fraterna e de cumplicidade. Ambos

compartilhavam uma visão pastoral focada nos marginalizados e na promoção da justiça social.

“Eu agradeço muito a Deus por ter vivido, eu lembro desde o dia da eleição do Papa Francisco, a emoção que nós tivemos de ouvir a escolha do seu nome, as suas atitudes de despojamento”, recorda Padre Júlio. Em 2013, logo após a eleição do Papa, o sacerdote enviou uma carta ao novo pontífice, expressando seus votos e a esperança de ver mudanças significativas dentro da Igreja.

O padre conta que escreveu várias cartas ao Papa Francisco, que sempre respondeu com carinho.

“Eu mandava muitas fotografias da convivência com a população em situação de rua e presentes. O Papa retribuiu o gesto e enviou para a pastoral seu solidéu, aquele ornamento que o Papa usa na cabeça, que quer dizer ‘só de Deus’, como um gesto de carinho para a população de rua e de confiança em todo o trabalho que é desenvolvido, toda a convivência que temos aqui”, explicou.

Apesar de lamentar profundamente a perda do Papa, Padre Júlio ressalta que seu legado permanecerá. “Vamos sentir falta do Papa Francisco fisicamente, mas o seu legado estará presente, seu magistério, tudo aquilo que ele nos ensinou”, afirma. Para ele, o papel do Papa sempre foi o de confirmar a fé das pessoas, especialmente voltada para os mais vulneráveis, os que sofrem.

Em sua avaliação, “ainda levaremos muitos anos para digerir a passagem de Francisco pela Igreja”, mas ele acredita que sua presença “não desaparecerá e ficará para sempre a presença do misericordioso”. Sobre os ataques que o Papa sofreu ao longo de seu pontificado, Padre Júlio acredita que Francisco nunca se deixaria abalar. “O Papa Francisco não iria se atingir, ele iria abençoar todos esses e diria: ‘Ô, meus irmãos, eu estou com vocês também, não vou rejeitá-los, mesmo que vocês falem contra mim, eu estou com vocês’”, afirma.

Sobre o futuro sucessor de Francisco, Padre Júlio prefere não especular. “Fazer bolsa de apostas é inaceitável. Acredito que a expectativa é de acolher bem quem o Espírito Santo suscitar, receber com carinho e docilidade, para que sejamos coerentes com o que acreditamos”, comenta, enfatizando que o próximo Papa será acolhido com respeito e reverência. “Eu, como padre católico apostólico romano, devo acolher o papa que vier com todo o respeito, com toda a reverência, porque ele será aquele por quem vou rezar todos os dias”, conclui. ■



O presidente Lula e a primeira-dama, Janja, durante cerimônia de assinatura do Decreto Presidencial que institui o ProPatinhas e o lançamento oficial do SinPatinhas

## Governo lança política nacional para proteger cães e gatos e combater maus-tratos

Programa federal prevê castração, vacinação, registro e identificação de animais domésticos por meio do ProPatinhas e do SinPatinhas, recém-lançados pelo presidente Lula

Redação Focus Brasil, com informações do Planalto

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou, nesta quinta-feira (17), o decreto que cria dois programas inéditos de proteção aos animais

domésticos: o Programa Nacional de Proteção e Manejo Populacional Ético de Cães e Gatos (ProPatinhas) e o Sistema do Cadastro Nacional de Animais Domésticos (SinPatinhas). As iniciativas marcam um avanço histórico na política pública de bem-estar animal no Brasil, com medidas que vão desde castração e vacinação até a criação do RG Animal, um docu-

mento com QR Code que permite a identificação de cães e gatos em caso de perda.

Totalmente gratuitos e voluntários, os programas envolvem estados e municípios em ações coordenadas para o controle populacional ético, o estímulo à guarda responsável e o enfrentamento dos maus-tratos. Segundo Lula, trata-se de “grandes avanços



Diretora do Manejo Populacional Ético de Cães e Gatos (ProPatinhas), Vanessa Negrini durante cerimônia de assinatura do Decreto Presidencial no Palácio do Planalto

na proteção do bem-estar de cães e gatos em todo o Brasil”.

Segurança para todos

Com o ProPatinhas, o governo federal passa a oferecer castração gratuita, microchipagem e registro dos animais. O programa também vai desenvolver cursos de qualificação para médicos veterinários da rede pública, gestores municipais e agentes de segurança, com meta de capacitar 1.500 profissionais até o fim de 2025. A ideia é estruturar uma política de longo prazo, com impacto direto na saúde pública e na redução do número de animais abandonados.

Já o SinPatinhas vai permitir que tutores, prefeituras e ONGs cadastrem gratuitamente os animais sob sua responsabilidade. O RG Animal trará informações importantes e facilitará o acesso dos tutores a campanhas de vacinação e castração em sua localidade. “Se não há informações consolidadas sobre a população de cães e gatos, não conseguimos criar políticas públicas efetivas”, explicou a mi-

nistra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva.

A secretária nacional de Biodiversidade, Rita Mesquita, destacou que a iniciativa vai além do cuidado com os pets: “Quando cuidamos adequadamente da população de cães e gatos, evitamos as zoonoses, que podem ser transmitidas para os humanos. É uma medida de proteção à saúde pública.”

Para Vanessa Negrini, diretora do Departamento de Proteção, Defesa e Direitos Animais do MMA, o decreto simboliza o fim de uma longa espera. “Durante muito tempo, protetores de animais foram invisibilizados. Com o ProPatinhas e o SinPatinhas, finalmente saímos da invisibilidade.”

Ao priorizar a castração ética, o combate ao abandono e a responsabilidade compartilhada, o governo federal aponta para uma nova realidade: mais humana, mais solidária e atenta ao papel dos animais no cotidiano das famílias brasileiras. ■



## Conheça o “RG Animal”

O governo federal anunciou a implementação de um Registro Geral (RG) para cães e gatos, uma medida que visa facilitar a identificação e o controle populacional desses animais. O documento, que será eletrônico e gratuito, conterá informações como nome do animal, espécie, raça, data de nascimento, características físicas e dados do tutor. A iniciativa busca combater o abandono e maus-tratos, além de auxiliar na localização de pets perdidos.

A emissão do RG poderá ser feita por meio de um aplicativo ou plataforma online, onde os tutores cadastrarão os dados do animal e farão o upload de fotos para identificação. O sistema também permitirá a inclusão de informações de saúde, como vacinação e tratamentos veterinários. O governo destacou que a medida não substitui a necessidade de microchipagem, que continua sendo recomendada para maior segurança.

A expectativa é que o novo RG facilite a integração entre órgãos públicos, clínicas veterinárias e abrigos, agilizando processos como adoção e fiscalização. A ação faz parte de uma política mais ampla de bem-estar animal e deve entrar em vigor nos próximos meses, após a finalização dos sistemas e regulamentação. Tutores serão orientados sobre o cadastro por meio de campanhas informativas. ■



## MEC abre vagas remanescentes do Fies; inscrições vão até dia 29 de abril

A convocação será em chamada única, seguida de lista de espera. Candidatos pré-selecionados devem comparecer à instituição de ensino nos dias 7 e 8 de maio para comprovação das informações

Redação Focus Brasil

O Ministério da Educação abriu nesta terça-feira (22) as inscrições para as vagas remanescentes do Fies referentes ao primeiro semestre de 2025. Os interessados têm até o dia 29 de abril para se candidatar pelo Portal Único de Acesso ao Ensino Superior.

O resultado com a ordem de classificação e a pré-seleção será divulgado em 6 de maio. A con-

vocação será em chamada única, seguida de lista de espera. Candidatos pré-selecionados devem comparecer à instituição de ensino nos dias 7 e 8 de maio para comprovação das informações.

### Vagas remanescentes

As vagas remanescentes são aquelas que não foram preenchidas nas etapas regulares do programa. Segundo o MEC, 50% delas serão destinadas a candidatos com renda familiar per capita de até meio salário mínimo, inscritos no CadÚnico, como parte do Fies Social. Também haverá cotas para pretos, pardos, indígenas,

quilombolas e pessoas com deficiência, de acordo com a população de cada estado.

Podem se inscrever candidatos que tenham feito o Enem a partir de 2010, com média mínima de 450 pontos e nota maior que zero na redação, e que não tenham participado como treineiros. A renda familiar per capita não pode ultrapassar três salários mínimos.

Em 2025, o Fies oferecerá mais de 112 mil vagas. No primeiro semestre, já foram abertas 67.301 oportunidades. As demais serão ofertadas no segundo semestre ou realocadas entre os que aguardam nas listas de espera. ■

# “Sou um insatisfeito perene com o que escrevo, mas isso é bom para o leitor”

O escritor, jornalista e biógrafo de Lula, Fernando Morais, trava batalha judicial nos EUA e aguarda informações das agências de inteligência norte-americanas para concluir o segundo volume da biografia do presidente

Alberto Cantalice e Fernanda Otero

**C**om a colaboração da esposa, “que é muito criteriosa” e faz a primeira leitura de seus “manuscritos” (usando suas palavras), “se tudo correr direitinho, até setembro, outubro”, o escritor Fernando Morais planeja concluir os originais do segundo volume da biografia do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ao completar 50 anos de carreira como escritor, ele exalta as vantagens dos livros digitais. Com seu bom humor característico, afirma que “alguém vai fazer um livro Kindle com cheiro de livro impresso” para agradar aos mais conservadores.

Morais revela que o segundo volume começa descrevendo uma conversa entre Fidel Castro e o torneiro mecânico, trazendo “um flashbackzinho da eleição para governador”. Ele escreve em ordem cronológica para “facilitar

a vida do leitor”. O biógrafo relata os detalhes do encontro entre eles, quando Lula “estava ainda sob os efeitos da derrota e chega à conclusão, apressadamente, (que a política) não é a praia dele” e que iria voltar para o sindicalismo, “onde ele nadava como um peixe”. Foi dissuadido pelo líder cubano, que argumentou que nenhum operário havia recebido mais de 1.200 milhões de votos “sem máquina, contra os grandes veículos, contra as redes de televisão”.

Comemora o interesse que o primeiro volume despertou em outros países. Como era de se esperar, nos Estados Unidos, “o interesse foi pequeno”. Já na América Latina e Europa, as vendas são mais expressivas. “Eles querem conhecer a história de um personagem tão importante quanto o Lula”, explica. A versão em chinês acaba de ser lançada.

## O biógrafo e o jornalista

Fernando Morais começou na atividade jornalística muito cedo. Virou “repórter por acaso” e não largou mais. Com mais de 65 anos de carreira, segundo suas contas, lamenta a atual situação da mídia hegemônica. Propõe uma solução simples para o problema: “nós, profissionais, talvez devêssemos, nesse momento, aproveitando até essa revolução para trás que está havendo no mundo a partir do Trump, fazer como fizeram os jornalistas na França depois da Segunda Guerra Mundial, e fazer um jornal de jornalistas”.

Além de jornalista e escritor, Fernando Morais acumulou larga experiência política. Manifesta preocupação com a conjuntura e afirma que “se você não tiver mobilização popular, pode tirar o cavalo da chuva, vão eleger o Tarcísio presidente da República”. Alerta para o uso político que alguns fazem da religião: “vocês



tem que convencer essas pessoas de que elas estão sendo vítimas de um embuste, de uma tramoia, de uma arapuca”. Abaixo, a entrevista completa.

**- Você, como jornalista e escritor, é daqueles que, quando entrega ou dá por encerrado um trabalho, quer passar logo para o editor para evitar a vontade de mexer de novo nos originais?**

- Olha, eu vou confirmar a sua pergunta: eu nunca li um livro meu. Às vezes, sou obrigado a ler trechos como referência. Então, vamos supor que, no livro do Lula, eu tenha que fazer uma referência sobre o início da televisão no Brasil, eu pego o meu Chateau e folheio algumas páginas e digo: se eu tivesse uma caneta na mão aqui, eu já cortaria isso, já acrescentaria isso e aquilo. Então, eu sou um insatisfeito perene com as coisas que eu escrevo. Acho que essa minha obsessão é boa para o leitor, porque ele já pega o livro mastigadinho, já pega o texto pronto para ser lido. Procuro usar uma linguagem elegante, evitando lugares comuns e clichês.

Está aqui ao meu lado o Mo-

reno, Alcides Moreno, que é a minha mão direita no trabalho, ou melhor, minha mão esquerda, porque ele pode ficar ofendido se eu disser que ele é a minha mão direita. Eu fiz uma pesquisa com as pessoas que estavam por aqui para saber se elas sabiam o que significava a palavra curé. Você sabe o que é curé? Vocês sabem?

**- Não sei, não...**

- Pois é, ninguém sabia. Curé é uma jogada de dama. Quando você encurrala o adversário e ele não consegue mais mexer; pois se ele mexer, ele perde o jogo. A dama tem alguma similitude com o xadrez, mas só no tabuleiro e no número de peças, porque é como se você desse o xeque-mate; o curé é o xeque-mate da dama. Aí eu falei: não, eu não vou usar curé. Eu estava querendo dizer que o PT tinha sido colocado em uma determinada circunstância, que tinha sido colocado num curé. Mas eu troquei por sinuca de bico; sinuca de bico todo mundo sabe o que é: é a jogada que você não sai dela, que não tem jeito: a bola do jogo encosta no canto da caçapa, e ali a única alternativa é o suicídio,

você empurrar a bola para dentro da caçapa e perder o ponto.

Então, eu procuro não usar [palavras obscuras], porque eu me lembro do doutor Julinho, doutor Julio de Mesquita Filho, o velho. O número zero da família, pai do Julio Neto (Júlio de Mesquita Neto), do Ruy (Mesquita), pai do Carlão (Luiz Carlos Mesquita). Uma vez, alguém disse para ele — e eu tive o privilégio de conviver com ele, que era um sujeito especial, um personagem especial... eu nunca vejo as pessoas só como elas são, mas como personagens; adoraria escrever a história do Estadão. Cheguei perto de escrever, aí me vetaram, uma parte da família me vetou.

Mas alguém, uma vez, o advertiu de que ele usava palavras pouco comuns nos editoriais que assinava, e ele falou: “mas tudo bem, não tem importância; obriga o sujeito a ir ao dicionário e ver o que a palavra significa”. Eu procuro evitar isso, não vulgarizo o texto. Vocês podem me acusar, os meus leitores, podem me acusar de tudo, menos de vulgarizar o texto, de fazer um texto barato, rasteiro, pedestre. Não, eu procuro

ro elaborar.

Quando se fala de jornalismo literário, muita gente confunde com jornalismo ficcional; não é isso. É jornalismo factual, mas com um tratamento formal, elegante, literário. É por isso que minha mulher puxa a minha orelha de vez em quando e diz: “o Machado de Assis não escreveria jamais um parágrafo como esse; o Gabriel García Márquez jamais usaria tal expressão”. Então, é nesse sentido: é na forma, não no conteúdo.

No conteúdo, eu brigo com arquivos, brigo com documentos para evitar cair em armadilhas que são muito comuns. Ouvi dizer que o Lula fez tal coisa, assim, assim. Bom, eu tenho que ouvir mais uma pessoa que estivesse junto. Se o fato é importante e há mais de uma versão, eu, em geral, dou as duas. O fulano garante que viu tal coisa assim; a ciclana que estava junto disse que não foi bem assim, que foi assado, foi de outro jeito. Se o fato não tem relevância, não tem importância, fica por isso mesmo.

**- O que é que te move quando você tem um personagem, e como é que fica essa relação com o biografado, porque afinal de contas você fica exposto de certa forma? Enfim, como é esse trabalho?**

- Olha, eu, depois que fiz a biografia do Paulo Coelho, prometi publicamente que não escreveria mais sobre gente viva. Primeiro, porque gente viva muda, e morto não; morto está lá enterradinho. Como eu não acredito em reencarnação, ele liquidou, está enterado, foi para a eternidade. Agora, vivo não.

Tem uma outra dificuldade que é o seguinte: em nenhum caso — nenhum, e esse aqui vai ser o meu 11º livro — nenhum deles o personagem leu, e tem livro que é sobre mais de uma pessoa. O Lula não

leu um parágrafo, uma sílaba. O primeiro exemplar que eu recebi, eu me lembro, ele estava embarcando para um encontro com a Merkel, com a chanceler alemã. Na escada do avião, pedi a alguém da escolta, não recordo quem, para entregar o livro ao presidente. Ele nunca me disse uma sílaba se gostou ou não gostou, e nunca fez nenhuma declaração.

Eu entendo isso, porque, se ele disser que gostou, o livro vai ser taxado de chapa branca; se ele

## **“O Kindle vai vencer, mas alguém fará ebook com cheiro de livro impresso para os saudosistas”**

disser que não gostou, vai ficar uma coisa desagradável, vai parecer uma coisa desagradável na nossa relação. Se ele dissesse “eu não gostei”, seria natural. Tem livros de gente importante, de autores festejados, que eu não gosto. Tem livros meus que acho que estão aquém da minha capacidade.

Contudo, procuro me cercar de segurança, que é uma boa herança do meu período como repórter e jornalista. Isso significa garantir

a segurança mais absoluta possível, antes de escrever e depois de mandar para o editor. Eu já pedi a um assessor do presidente para que, quando o presidente vier passar um fim de semana em São Paulo — ele está ficando quase todos os fins de semana em Brasília, tem vindo muito pouco aqui, e quando vem, vem para alguma atividade, nem passa em casa, ele vem e vota na mesma semana.

Há pouco tempo, ele esteve duas vezes em São Paulo, as duas em Sorocaba, ele não passou por São Paulo, mas estou querendo pegá-lo aqui. Eu tenho meia dúzia de buracos no livro que eu preciso confirmar com ele, coisas que só ele pode me confirmar. São informações que eu obtive ou em arquivos, ou em declarações de alguém que o envolvem pessoalmente e a única pessoa capaz de dizer se é falso, se é verdadeiro, é ele próprio.

De vez em quando, eu faço isso, como quando encontrei o nome dele na lista de dedos-duros da Volks, do pessoal da polícia que trabalhava lá dentro. A Volkswagen contratou um nazista para chefiar o serviço de vigilância interna. Não um nazista de quinta categoria; contrataram o (Franz) Stangl, que foi comandante de Sobibor e de Treblinka, onde mataram 400 mil judeus.

Eu mostrei para ele que seu nome estava na lista, e ele nunca trabalhou na Volkswagen. Ele olhou, e, por sorte, eu filmei a fala dele ao ver o pedaço de papel que levei; ele olhou e disse: “eu já tinha visto isso, é verdadeiro”. A diretoria inteira do sindicato sabia que a Volkswagen adotava métodos nazistas para fiscalizar os ativistas e militantes lá dentro.

Então, estou tentando checar com ele meia dúzia de coisas, para que, na hora em que eu entregar os originais, os manuscritos — como se dizia no século passado — para o Luiz Schwarcz, eu

possa ir dormir de cabeça leve.

**- Você que está há muitos anos na imprensa, acompanhou o auge e também a decadência da imprensa escrita, dos jornais. Você prognostica o mesmo futuro para o livro? Eu, por exemplo, só gosto de livro impresso. Conheço muita gente, inclusive jovens, que não gostam também de ler nesses Kindles da vida. Mas você acha que essa coisa da inteligência artificial, da superprodução de livros por meio digital, isso pode atrapalhar o futuro do livro impresso?**

- Olha, se você olhar bem no futuro, lá no horizonte, você verá que a lógica nos empurra para acreditar que o livro digital vai vencer o livro impresso. Eu falei isso num debate em Ribeirão Preto, anos atrás, e um sujeito se levantou na plateia e falou: “mas eu gosto do cheiro do livro de papel, gosto do cheiro da tinta”. Eu respondi: não se preocupe que o Mark Zuckerberg, ou seja lá quem for, vai fazer um livro Kindle com cheiro de livro impresso, você vai cheirar o aparelho e vai sentir o cheiro de livro impresso.

Quais são as vantagens do livro impresso? Primeiro, que você pode carregar 50 livros num negocinho desse tamanho aqui. Eu tenho um Kindle por aqui, você pode carregar 20, 30 livros num aparelhinho que você toca o dedo e aparece o que você está querendo.

A outra coisa é que, veja os livros do Hélio Gaspari, por exemplo, no quinto livro da série dele, ele fala do discurso do Getúlio Vargas no Campo de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em um 1º de maio; você põe o dedo em cima de um ícone e ouve o discurso do Getúlio, na voz do Getúlio.

Eu odeio nota de pé de página. Eu falei, por exemplo, na disputa do colégio eleitoral entre o Maluf e o Andreazza, aqui no Livro do

Lula, e eu tive que gastar alguns parágrafos para explicar para o leitor quem eram Mario David Andreazza e Paulo Salim Maluf, o que me tirou um pedaço do espaço que eu deveria dedicar ao Lula. Para quê? Para dar ao leitor a oportunidade de entender.

Se você falar em Andreazza hoje, não sei se vocês têm filhos, se você falar com filhos; eu tenho netas, se você falar com seus netos de Andreazza, eles vão perguntar se é uma fábrica do Antô-

## **“Nos EUA há 619 registros secretos sobre Lula que não querem me entregar - é material explosivo”**

nio Alves, uma mulher, tinha uma mulher, dona Andreazza. No livro digital, você coloca o dedo em cima de Andreazza, abre uma janela, e na janela você vê o verbe: Mario David Andreazza era um coronel do exército, nascido nos porões dos serviços de informação, no bisavô da ABIN, que deu lugar ao SNI, e que depois deu lugar à ABIN.

Tem todas essas vantagens. Por exemplo, o meu livro sobre Cha-

teaubriand, para falar de novo de um livro meu, é um tijolo de 800 páginas. Ler na cama, por exemplo, é um inferno. Não tem posição. Você dorme de lado, dorme de barriga para cima, você fica segurando aquele tijolo, se aquilo cair no seu rosto, é capaz de te machucar.

Então, você poder carregar 10, 20, 100 mil Chateaux num aparelhinho que pesa 20 gramas, 30 gramas, uma coisa assim, é uma vantagem indiscutível. As remissões, aquele índice onomástico que a gente é obrigado a fazer, o sujeito vai lá no fim e lê: A, B, C, Fulano de Tal está nas páginas 18, 24, 39 e 96. Você tem que segurar com um dedo aqui e, com o outro dedo, ir à página 18 para ver se é o que interessa. Não é? Então, você vai lá com o dedo de cá e corre na página 24. É um processo trabalhoso.

Agora, tem gente que tem prazer nisso. Eu, pessoalmente, gosto de ler em papel. Estou lendo atualmente um livro em papel. Estou lendo com um enorme atraso Os Engenheiros do Caos, um livrinho até fino. Para saber onde é que eu estou, eu ponho um cartãozinho aqui do chinês que conserta relógio para marcar para mim.

No Kindle, você liga o Start, já cai na página que você estava, a menos que você não queira. Você faz anotações, você faz o highlight que a gente faz no computador na hora de escrever, você pode fazer com o dedo no livro. E outra coisa: quantas árvores você precisa derrubar para imprimir uma edição de 100 mil exemplares de um livro de 800 páginas?

Os livros do Fernando Henrique, por exemplo, os livros de memórias dele, os diários da presidência, são cinco exemplares, cada um deles com 1.200 páginas, então, são 6 mil páginas. Não sei qual foi a tiragem desses livros, mas quantas árvores precisou derrubar para imprimir os livros

de Fernando Henrique? Quantos litros de petróleo?

Isso vai acabar entrando em consideração. Vai ser colocado na balança quando você for pesar e medir o que é melhor para a sociedade. Às vezes, pode ser que o livro digital venha a triunfar sobre o livro de papel, mas por algumas razões nobres também. Eu não sei dizer, confesso a você que não sei dizer. Acho que não será para a minha geração; a mudança, seja ela qual for, virá para as próximas gerações.

**- Este ano você está completando 50 anos de carreira. Seu primeiro livro foi lançado em 1975, *A Ilha*. Você disse que tem 10 livros escritos, mas você também é autor de inúmeros artigos, inclusive com contribuições para a Fundação Perseu Abramo. Com relação à sua produção literária, você está levando em conta, já que você está tão conectado com esse mundo digital, você começa a pensar que os seus livros podem virar filme, até tendo em vista esse super sucesso que foi o livro adaptado de *Ainda Estou Aqui*?**

- Olha, com toda a sinceridade, eu escrevo para ser lido, eu não escrevo para ser visto. A despeito disso, Olga virou filme, Os Últimos Soldados da Guerra Fria virou filme, Corações Sujos virou filme, Chateautambém. Já vendi o Montenegro para cinema, vendi para um produtor e já vendi o Lula, não posso revelar o nome da produtora que comprou, mas eles ainda não sabem — vai depender do volume 2 — se vai fazer um longa-metragem ou uma minissérie para streaming.

Eu não escrevo para ser filmado, mas acredito que, por um vício positivo, um cacete positivo que trago da minha profissão de jornalista, e sobretudo pelo fato de eu ter escolhido passar quase toda a minha carreira como

repórter. Embora eu tenha sido editor, pauteiro, revisor, enfim, eu ocupei vários cargos levando em consideração a remuneração também, porque a promoção significa uma melhoria do seu salário, mas, às vezes, não compensava ser editor e passar o dia com a bunda sentada na redação e o mundo correndo lá fora, sabe?

Os fatos acontecendo, e você tendo que mandar os outros cobrirem: fulano, teve um crime em tal lugar assim, pega o fotógrafo e

res, e acabou absorvendo o assassino, porque o advogado, muito bom, chegou à conclusão de que não era possível provar que o que matou a vítima foi a primeira facada dada pelo assassino, ou se foi o ato de reenfiar o punhal no peito dele.

Tudo isso faz da profissão de repórter a melhor profissão do mundo, Gabriel Garcia Marquez já disse isso, não estou falando nenhuma novidade, é a melhor profissão do mundo. Eu, se acreditasse em reencarnação, gostaria de voltar eu mesmo e repórter.

Agora, você tromba muito, apurar é uma dificuldade, apesar da internet. Uma das razões pelas quais o volume dois do livro do Lula está atrasado é que estou enfrentando uma pendência com o Departamento de Estado e o Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

Consegui, por meio de pressão judicial, que eles confessassem que os órgãos de segurança dos EUA, principalmente a CIA, o FBI e a NSA, possuem nada menos que 619 registros do presidente Lula. No entanto, eles não querem me entregar isso. A lei americana, a FOIA — a lei de transparência e livre acesso à imprensa — me beneficia.

Estou com advogados, os mesmos que ganharam a causa contra a Vale, sobre Mariana e Brumadinho, os mesmos advogados do escritório britânico com representação no Brasil, estão trabalhando para mim, nos Estados Unidos, para a editora, na verdade, porque é a editora que cuida dessas coisas, mas foi por meu intermédio, pois fui eu quem indiquei, para acessar o conteúdo desses 619 registros.

Estou usando, inclusive, esse argumento, dizendo que o livro está atrasado, que não saiu até hoje, por causa deles, única e exclusivamente, por causa do departamento de defesa. Descobri

## **“A grande mídia virou lixo, com raras exceções. Precisamos de um ‘Le Monde’ brasileiro”**

vai cobrir. Aquilo me deixava muito frustrado. Por quê? Porque eu fui educado na arte de sujar a sola do sapato, na arte de ir lá, de ver de perto. Não chego ao cúmulo do repórter que queria dizer quantos centímetros teve a facada e tira o punhal do peito do cadáver, mede, e enfia de novo, para dizer: “uma facada de oito centímetros de profundidade”.

Esse caso é verdadeiro, aconteceu no (jornal) Notícias Popula-

que até o departamento de cibernética do exército norte-americano tem registro do Lula.

O que é que o serviço cibernético do exército das forças armadas dos Estados Unidos bisbilhotou na vida do Lula, desde o governo Biden? A burocracia está tentando segurar isso. Alguém poderia dizer que isso é coisa do Trump contra o Lula ou o PT, mas não; desde o governo Biden, um governo democrata, eles estão acompanhando Lula. E isso só aumenta o meu apetite, porque, se estão querendo segurar, é porque tem coisa boa.

**- E por que eles gravariam a Dilma, e não fariam com o Lula? Não faz sentido.**

- Claro, claro, é isso. O espaço de tempo que eu delimito não permite que você chegue e peça: “quero tudo”. Não, você tem que dizer: “olha, eu quero entre tanto e tanto”.

Existem 16 agências de segurança dos Estados Unidos; a maioria pensa que são apenas a CIA e o FBI, mas são 16 agências. Quando o Lula estava preso, fui à cadeia e consegui dele 16 procurações; ele assinou em branco para que eu preenchesse com a linguagem exigida pelas autoridades norte-americanas. O Moreno levou essas procurações para mim em São Bernardo do Campo, ao cartório onde o Lula tem firma, para reconhecer as 16 assinaturas nas autorizações que ele me dava para pesquisar.

E os caras estão endurecendo, estão enebado. Isso é evidente que é uma bobagem deles, porque se estão esperando e me pressionando, me dando um curé, colocando-me em curé para eu não ter tempo de colocar isso no livro, não tem importância; eu faço o volume 3 só com o material de lá, ou um anexo do volume 2, só com o material vindo dos Estados Unidos.

Então, como não pretendo morrer tão cedo, fazer como o Roberto Marinho — ele dizia: “se algum dia eu vier a faltar” — eu realmente não tenho planos de morrer logo. Se não for para esse livro, eu lançarei o volume 3 só com o meu texto de abertura e os 619 registros das bisbilhotagens deles sobre o presidente de um país amigo.

Não é que estão bisbilhotando Fidel Castro ou Raul Castro; estão bisbilhotando Lula, de um país que tem relações da melhor qualidade com os Estados Unidos. É duro, é difícil; o leitor é o que menos ganha no preço de um livro, apenas 10% do preço de capa. Mas compensa.

Compensa a alegria de ver um livro impresso do jeito que você queria que fosse. Mesmo que, se você abrir, queira meter a caneta, acho que isso acaba se tornando irrelevante perto da alegria de ver seu livro em chinês. Está aqui (mostrando o exemplar) o Olga em chinês, olha que lindeza!

Aqui tem livro em línguas que eu não sei ler. Lembro que, quando saiu, não sei se foi o Olga ou o Paulo Coelho, saiu em búlgaro. Como a Dilma é descendente de búlgaro, eu levei um exemplar para ela. Você sabe que nem ela nem eu conseguimos distinguir na capa do livro — que está por aqui — o que era o meu nome e o nome do livro, porque são caracteres parecidos com o cirílico. Não sei qual é o nome do alfabeto búlgaro; se é pura e simplesmente búlgaro.

Então, é uma alegria sem... e não se trata de vaidade nem de riqueza. Eu, por exemplo, vou fazer 80 anos daqui a dois anos, e não tenho nada; apenas uma motocicleta e um carro, um carro Volkswagen.

Dizer que fiquei rico porque vendi 6 milhões de livros em 38 países é uma ilusão; não estou colocando dinheiro na conta. O que

eu ganhei, eu gastei; eu não uso drogas, não tenho apartamento em Paris, não sustento duas famílias. Ganhei e gastei; gastei com o quê? Com motocicletas e viagens.

Teve uma época em que minha mulher e eu resolvemos passar um período em Paris; fomos para lá e ficamos dois anos, e eu vendi tudo. Tinha um carro lindo, tinha uma motocicleta de último tipo; a motocicleta é o meu único vício. Agora, que não posso mais fumar charutos, a motocicleta se tornou a minha única dependência química.

Mas vale a pena, a satisfação de ver um livro, como a Veja, por exemplo, que não deu nada sobre o livro do Lula. Eu entrei na Veja pela porta da frente, pela lista dos mais vendidos.

**- Então, falando sobre essa questão de mídia hegemônica, você foi muito crítico na ocasião, quando aconteceu aquele escândalo do Moro, você disse, “é inaceitável, silêncio obsequioso, palavras lindas, e cúmplice da grande mídia sobre o escândalo envolvendo o ex-juiz Sérgio Moro”. Qual é a sua avaliação atual dessa mesma mídia quanto ao plano de assassinato do presidente, do seu vice e do presidente do STF?**

- Olha, a grande mídia — os jornais, os canais de televisão e as revistas semanais — se tornaram um lixo, lixo. Com uma ou outra exceção aqui e ali, nada é absoluto; viraram um lixo.

Eu ia falar, na semana passada, num seminário da USP, mas acabei não indo porque a pessoa que vinha me buscar se esqueceu, e não vieram me buscar. Já tinha me preparado para falar que talvez devêssemos, nós, profissionais, nesse momento, aproveitar essa revolução que está ocorrendo no mundo a partir do Trump — um retrocesso — e fazer como fizeram os jornalistas na França

depois da Segunda Guerra Mundial.

Eles se uniram em um grupo e criaram um jornal de jornalistas, o Le Monde, que está aí até hoje. Já não é mais um jornal cooperativo, agora é propriedade de algumas pessoas, mas está aí, está vivo e é um jornal confiável; é um dos mais confiáveis do mundo. Você pode contar nos dedos de uma mão e terá que colocar o Le Monde, se não estiver em primeiro lugar.

Então, quando eu falo isso, que a época é propícia, alguém vai dizer “ah, não, mas isso já foi tentado”. O Raimundo Pereira já tentou isso com o Movimento, o Fernando Gasparian tentou com o Opinião, mas a época era outra, tinha censura!

Hoje, a internet é cada dia menos confiável, por quê? Porque cada um senta na cadeira dele e escreve o que lhe der na telha. Você não conhece a pessoa, você não sabe se ela é séria, se ela apurou, se ela é confiável, se ela está a serviço de algum interesse escuso.

Quando eu vejo alguma coisa na internet, eu espero para checar, para ver a repercussão, o que era para ser uma coisa urgente, telegráfica, acaba sendo uma coisa lenta. Se não fosse pelo tempo ser curto, eu poderia passar aqui por dez sites e blogs e ler as manchetes e perguntar, será que isso é verdade? Ou será que isso é wishful thinking, se é manifestação de desejo do titular do blog?

Agora, isso só prova que, ao contrário do que a nossa esperança alimentava, a internet não está substituindo a grande imprensa com a credibilidade que, veja você, com a credibilidade que a grande imprensa tinha. Eu trabalhei na grande imprensa a minha vida inteira. Tem um hiato aí, que é o Nocaute, um blog que eu fiz, e que adotava nele os mesmos princípios que eu adotei quando tra-

balhava nos jornais de papel: seriedade, apurar com obstinação.

Agora, eu acho que está na hora de termos algum jornal independente com preocupação social. Um jornal com preocupação social, estou convencido, fará sucesso. E mais do que isso, minha ambição é maior: criar um jornal que possa circular no sul global, nesse enorme território mundial dos países em desenvolvimento, e alguns países já desenvolvidos, como a China.

## **“Reforma agrária é indispensável. Até MacArthur fez no Japão pós- guerra, à força se preciso”**

Um jornal que possa cobrir América Latina, América Central, Europa e países desenvolvidos, que fazem parte do sul global. Tenho certeza absoluta de que estará fadado ao mais absoluto e completo sucesso.

Agora, como fazer isso? Juntando gente, jornal não é feito de máquinas. Bom jornalismo não é feito por uma rotativa, não é feito por um sinal de internet, o bom jornalismo é feito por bons jorna-

listas. E nos momentos perigosos, você tem que ter jornalistas bons e corajosos, momentos perigosos exigem jornalistas corajosos, você tem que enfrentar.

Você vê aí perseguição, como a da Patrícia Campos Melo, da Folha, filha do Helinho (Hélio Campos Melo). Ela está sendo perseguida por todos os lados. Por quê? Porque escreveu o que apurou, não porque insultou alguém ou falou mal da mãe de alguém. Não, ela está sendo perseguida pelas verdades que disse.

Por exemplo, temos a Janaína (Paschoal), essa maluca que assinou o impeachment da Dilma. Isso é fruto da mente doentia da Folha de S.Paulo, ela foi descoberta pela Folha, que a tirou do anonimato como professora obscura da PUC e começou a publicar seus artigos. Deu no que deu!

Agora, por que a Folha não convida, em meio ao massacre de palestinos em Gaza, a professora Arlene Clemesha para ser colaboradora regular? Porque ela tem uma posição independente, enfia o dedo na ferida do sionismo.

A Folha tenta não parecer comprometida com a direita, com os conservadores, pendurando alguns São Jorge na parede, entre eles, o meu querido amigo Breno Altman, que, vez por outra, é chamado para escrever contra o sionismo e a brutalidade de Israel, denunciando a verdadeira ORCRIM, Organização Criminosa, em que o Estado de Israel se tornou nas mãos de Bibi Netanyahu.

A imprensa não é para servir seus amigos, é para servir o leitor, e não tem ninguém que faça isso. A Folha só fazia isso na campanha publicitária: “Folha, o único jornal de rabo preso com o leitor”, mas imagina, quer enganar quem?

Digo isso por experiência, vou fazer 80 anos em breve, já são quase 65 anos de carreira, porque eu comecei muito pequeno, mui-



Presidente Lula e Fernando Morais, no Palácio do Planalto

Ricardo Stuckert/PR

to jovem, comecei com 15 anos, virei repórter por acaso e não larguei mais.

**- Como você é um observador da cena, com essa visão jornalística, você consegue cotejar o golpe de 1964 com toda essa tentativa de golpe que os milicos liderados pelo Bolsonaro tentaram dar agora?**

- Olha, o que tentaram fazer aqui foi dar um golpe sem precisar pôr tanque na rua, sem precisar prender ninguém, sem precisar recorrer ao pau de arara. Tentaram dar um golpe branco, como deram na Dilma.

O que houve contra a Dilma, o crime que a Dilma cometeu, a chamada “pedalada”, eu pedalei, eu cometi quando eu era Secretário de Educação. Chegava no fim do mês, não tinha recurso para pagar o salário dos professores, eu comprometia a arrecadação de ICMS do mês seguinte, pegava o dinheiro no Banespa e pagava os professores.

Quando vinha a arrecadação de ICMS e a cota parte que era da educação, pagava a dívida com o Banespa. Então, eu pedalei, isso nunca foi crime. Usar o recurso de uma instituição em outra insti-

tução, não causa prejuízo ao erário público, às burras do governo.

O que se deu com a Dilma foi um golpe branco com a cumulatividade do postigo Michel Temer, está declarado, está gravado, o dono da Friboi gravou.

Acho que esse golpe que está sendo julgado — é preciso dizer que o (Alexandre) Moraes, de quem eu não tinha boa impressão, está se revelando um sujeito corajoso e certo. Eu bato no peito e faço minha culpa: eu realmente não tinha uma boa impressão do Moraes.

Ele já foi vitimado pessoalmente, foi humilhado, provocado, ele e a família em um aeroporto na Europa, acredito que ele está agindo com toda correção, com todo rigor, dentro da lei. Por quê? Porque deve ter visto o que o primeiro chefe dele, Michel Temer, fez com a Dilma.

O Michel não tinha o direito de aceitar ser vice-presidente, ele tinha que obrigar os caras a dar o golpe. Agora, a partir do momento que ele aceita, ele como vice aceita suceder uma presidente que está sendo caçada, entre aspas, dentro da Constituição, ele está revalidando o golpe, está dando foros de verdade a um impea-

chment que, na verdade, foi um golpe de Estado.

O 8 de janeiro teria o quê? Aquilo que está escrito, aquilo que eles planejaram. Balbúrdia, os três poderes derrubados, fisicamente derrubados, pela turbulenta. O que se pretendia era dar um golpe, sim, não tem nenhuma dúvida, só um ingênuo, só uma criança, um bebê, e esses malucos que se cobrem com a bandeira do Brasil e vão para passeatas e rezam para pneu.

Fora esse povo aí, qualquer pessoa que tenha um mínimo de discernimento sabe que estava sendo preparado um golpe. Está escrito, tem documentos que circulou entre eles, preparando tudo.

O ministro do Exército, o ministro da Marinha, o tenente, ajudante de ordens do presidente da República, o presidente da República, todos eles envolvidos, o ministro da Defesa, todos eles envolvidos. O plano era dar um golpe branco, um golpe que não tivesse cara de golpe, que fosse aceito no dia seguinte pela ONU, pela OEA, pelos Estados Unidos.

A partir do momento que você é reconhecido por três ou quatro países, salvo quando se trata de

algo circense, como o Guaidó na Venezuela, que saiu vestido de presidente pelo mundo. Eu posso mandar fazer uma faixa aqui em São Paulo, tem uma loja no Bom Retiro que faz essas faixas, eu posso mandar fazer uma verde e amarela para mim, botar um terno azul marinho, um Armani bonito, sair dizendo que o novo presidente do Brasil sou eu.

**- Tem uma entrevista sua de 2021 que você disse que não bastava eleger o Lula, que era preciso uma bancada que o ajudasse a governar, que dialogasse com a discussão de eleger um congresso forte, como fez o México e o Uruguai. Qual é o caminho para consolidar esse congresso quando precisamos da coalizão de forças? As eleições estão se aproximando e acabamos de acompanhar esse episódio trágico, perigosíssimo, com relação ao deputado Glauber Braga, que envolveu uma questão muito delicada para o governo, inclusive, com uma possível cassação do deputado. Qual a sua leitura sobre esse momento que estamos vivendo? Porque você também não é só escritor, não é só jornalista, foi um brilhante político também, é uma marca da sua trajetória.**

- Olha, é preciso que se diga em primeiro lugar, só para não ficar sem uma reflexão sobre o Glauber Braga: ele está sendo perseguido por uma única razão, porque denunciou as falcatruas do Lira, só isso, as emendas secretas, as emendas pix, essa é a única razão pela qual estão perseguindo Glauber Braga.

Agora, só tem uma maneira de conseguir maioria no Congresso: mobilização popular, é preciso tirar a bunda da cadeira. Eu faço críticas ao PT pois eu sou muito próximo do PT. Às vezes, em debates, eu sou obrigado a dizer que não sou do PT, para que não con-

fundam, só por uma questão de fidelidade aos fatos.

Eu acho que o PT engordou com a chegada ao governo, engordou.

Então, acho que é necessário ter mobilização popular. Cadê os movimentos populares? Cadê o MST, o MTST? Cadê a CUT? Cadê a CONCLAT? Cadê os sindicatos?

Tudo bem, eles foram muito esvaziados, mas é preciso lutar para que eles sejam recuperados em primeiro lugar e mobilizar as

## **“Pastores como Macedo são comerciantes da fé. Religião virou máquina de fazer dinheiro”**

pessoas. O pessoal da Força Sindical é obrigado a sortear automóvel para reunir pessoas no 1º de Maio. Se não sortear automóvel, teremos o que aconteceu no ano passado: vão meia dúzia de gatos pingados assistir à manifestação.

Não vejo, não acredito que haja duas saídas; acho que só existe uma saída, que é a mobilização popular. Para isso, você precisa ter veículos de comunicação comprometidos com o Brasil, não

com um Brasil.

Não com o Brasil da Faria Lima, o Brasil do agronegócio, o agronegócio pode ser pop, mas não é popular, é para atender aos interesses de meia dúzia de grandes latifundiários.

Quando João Pedro Stédile fala em reforma agrária, esse povo se arrepia e treme nas bases. Mas, veja, a reforma agrária é algo absolutamente indispensável para libertar um país. Tanto que, no Japão, a reforma agrária só foi realizada, porque lá também era dominado por latifundiários — um país com uma população maior que a do Brasil e um território igual ao estado de São Paulo — a reforma agrária foi feita à mão militar e pelo general MacArthur, no período em que o Japão era quase uma possessão norte-americana, no pós-guerra, quando se revelou que o imperador não era uma divindade.

Então, se você não tiver mobilização popular, pode tirar o cavalo da chuva, porque vão eleger o Tarcísio presidente da República. Meu Deus! Até eu, que não acredito nele, sou obrigado a dizer isso.

Respeito, respeito todas as religiões, respeito os evangélicos. Só não posso respeitar o sujeito que transforma a religião em uma guitarra, em uma máquina de imprimir dinheiro. Aquela cena célebre do pastor Macedo entrando no helicóptero com sacos de dinheiro. Isso é religião? Aquilo é armazém de secos e molhados.

Você não pode fingir que existe um Brasil da sua cabeça quando há outro Brasil real. Você tem que convencer essas pessoas de que estão sendo vítimas de um embuste, de uma tramoia, de uma arapuca. É isso. Não tem outra forma.

Se alguém aqui souber de outra maneira de fazer uma maioria no Congresso, conta. Vai ganhar o prêmio Pulitzer, vai ganhar o prêmio Nobel. ■



Tânia Régo/Agência Brasil

# Inflação em queda e PIB em alta: previsões do mercado indicam economia mais estável

Boletim Focus mostra redução nas expectativas de inflação para 2025 e ligeira alta na projeção de crescimento para este ano

Redação Focus Brasil

O mercado financeiro reduziu a estimativa da inflação para 2025. A nova previsão para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) caiu de 5,65% para 5,57%, segundo o Boletim Focus divulgado nesta terça-feira (22/4) pelo

Banco Central. O dado mostra que, apesar das pressões pontuais, especialmente dos alimentos, o cenário inflacionário começa a sinalizar maior controle.

As projeções sinalizam que a inflação deve se manter em rota de desaceleração nos anos seguintes: 4,5% em 2026, 4% em 2027 e 3,8% em 2028. No entanto, a estimativa para o próximo ano ainda está no limite do teto da meta de inflação, que é de 3% com mar-

gem de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo.

Os dados foram apurados pela Agência Brasil, com base nas projeções semanais de mais de 100 instituições financeiras consultadas pelo Banco Central.

## Mercado prevê alívio gradual de juros

A taxa básica de juros, a Selic, está atualmente em 14,25% ao ano, reflexo de um ciclo pro-



A estimativa para 2025 está acima do teto da meta de inflação que deve ser perseguida pelo BC, definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), de 3%



Em 2024, a economia cresceu 3,4% - o quarto ano seguido de crescimento, a maior expansão desde 2021

longado de aperto monetário. Na última reunião, em março, o Comitê de Política Monetária (Copom) elevou os juros pela quinta vez consecutiva, em um ponto percentual, sob a justificativa de conter a inflação de serviços e o impacto de preços voláteis como alimentos e energia.

O Copom avalia que a economia brasileira segue aquecida, mesmo com sinais de moderação, e adiantou que deve seguir com aumentos “em menor magnitude” na próxima reunião de maio. Para o fim de 2025, o mercado projeta que a Selic possa cair para 12,5%, recuando para 10,5% em 2027 e

10% em 2028.

Enquanto o Banco Central mira o controle inflacionário, o aperto nos juros pressiona o crédito e afeta diretamente o consumo e os investimentos. Com o financiamento mais caro, o crescimento da economia acaba limitado, dilema que exige sintonia entre as ações do BC e as medidas do governo para manter a economia girando.

### **PIB em recuperação e dólar sob controle**

Do lado do crescimento, a projeção do mercado para o Produto Interno Bruto (PIB) de 2025

foi ajustada para cima: de 1,98% para 2%. Para os anos seguintes, a expectativa de expansão segue em 2% ao ano. Os números confirmam a resiliência da economia brasileira, que cresceu 3,4% em 2024, o quarto ano consecutivo de avanço e o melhor resultado desde 2021.

A estimativa para o dólar permanece sob controle, com cotação esperada de R\$ 5,90 no fim deste ano, e R\$ 5,96 até o fim de 2026. O câmbio estável é um fator-chave para manter os custos de importação e os preços de combustíveis e alimentos dentro de uma faixa previsível.

### **Inflação ainda desafia, mas cenário inspira confiança**

Apesar da queda nas projeções, o dado mais recente do IBGE mostra que a inflação fechou março em 0,56%, puxada principalmente pelo aumento nos preços dos alimentos. Ainda assim, o resultado representa uma desaceleração significativa em relação a fevereiro (1,31%). No acumulado de 12 meses, o IPCA soma 5,48%.

O dado reforça um movimento de resfriamento gradual da inflação, em linha com os objetivos da política econômica. O desafio, agora, é equilibrar a trajetória dos juros com o estímulo ao crescimento, um esforço que exige não apenas firmeza do Banco Central, mas também coordenação com as medidas estruturais do governo federal.

A previsão mais otimista para o PIB, somada à inflação em desaceleração, reforça que a economia brasileira está reagindo com mais estabilidade do que muitos previam. O próximo semestre será decisivo para consolidar esse ritmo. ■

Com informações da Agência Brasil



Gustavo Moreno/STF

## Pejotização: STF está em uma cruzada contra os trabalhadores, aponta jurista

Rodrigo Carelli destaca que a corte age sistematicamente para colocar o Brasil na contramão do mundo do ponto de vistas dos direitos trabalhistas

Claudia Rocha

**E**m meio ao debate sobre as novas formas de trabalho, com o avanço da tecnologia como intermédio das relações e o levante da pauta pela redução das jornadas, um tema já bastante conhecido dos trabalhadores brasileiros, a pejotização, ganhou um novo capítulo na semana passada.

Conhecido por derivar da sigla PJ, que significa pessoa jurídica,

o evento da pejotização trata da contratação de profissionais para atuar em diferentes segmentos sob o regime de contratos, ao invés da Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT. São prestadores de serviço, que se relacionam com instituições e clientes a partir da abertura de empresas.

Por se tratarem de empresas, a relação trabalhista passa por outras frentes, porém o que tem ocorrido de maneira crescente é a contratação de funcionários, com todos os deveres e sem os direitos, por empresas que exigem que o

trabalhador tenha sua pessoa jurídica para burlar as obrigações legais de uma contratação formal.

A partir deste cenário, o número de processos de reconhecimento de vínculo empregatício cresceu consideravelmente na Justiça do Trabalho. Somente em 2024, foram mais de 285 mil pedidos, um aumento de 57% em comparação ao ano anterior.

Com essa circunstância, na segunda-feira (14), o ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal, determinou a suspensão de todos os processos que

discutem a contratação de trabalhadores que atuam como pessoa jurídica para a prestação de serviços. A ideia é que a corte consolide e, possivelmente, altere o parecer atual da Justiça do Trabalho sobre o tema.

Recentemente, o plenário do STF definiu que irá analisar o assunto e firmar um entendimento geral a partir de pontos como: a validade dos contratos; a competência da Justiça do Trabalho para julgar casos de fraude; e a definição sobre a quem cabe apresentar as provas no processo, ao trabalhador ou ao contratante.

Segundo Gilmar Mendes, a suspensão foi necessária porque o Supremo está sobrecarregado com ações que resultaram no STF como uma casa revisora da Justiça do Trabalho. A justificativa, no entanto, é rebatida por especialistas da área, entre eles o jurista Rodrigo Carelli, que aponta que a corte, na realidade, está em uma cruzada para atacar os direitos dos trabalhadores e deslegitimar a atuação da instância que trata do tema.

Professor de Direito do Trabalho na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Carelli lembra que este tipo de contratação por fora da CLT sempre existiu e é anterior à Reforma Trabalhista, apontada como marco por ter aprofundado o cenário.

“A Reforma Trabalhista é um processo mais longo e em andamento, que começa no Supremo Tribunal Federal. Os dois pilares da reforma, a prevalência do negociado sobre o legislado e a liberação da terceirização, começaram a ser implementados no Supremo e são anteriores às mudanças na legislação em 2017”, destaca o professor.

Ele é um dos autores, junto com Cássio Casagrande, de “A Suprema Corte contra os traba-

lhadores: como o STF está destruindo o direito do trabalho para proteger as grandes corporações”. Segundo o jurista, o livro recém-lançado aborda “o caminho político e ideológico de um grupo que altera profundamente o direito do trabalho sem diálogo nenhum com a doutrina do direito trabalhista e sem conexão com o que está ocorrendo no mundo”.

“A decisão do Gilmar Mendes diz que a Justiça do Trabalho nega a vigência dos contratos. Pelo contrário, ela dá vigência aos contratos em termos legais, quando eles são ilegais ou fraudulentos, aí é que ela atua. Contratar em sistema de pessoas jurídicas não é proibido hoje, isso sempre foi permitido, desde antes da reforma, o que não é permitido é mascarar uma verdadeira relação de emprego com um contrato de pessoa jurídica, isso nem a Reforma Trabalhista permite, e é isso que o STF quer implementar”, afirma Carelli.

O alerta sobre as consequências das ações do STF na matéria é compartilhado pelo professor de Direito da Universidade de São Paulo (USP) Jorge Souto Maior. “Estamos diante da realidade concreta do fim do direito do trabalho”, afirmou em entrevista ao Brasil de Fato.

A preocupação dos especialistas em Direito do Trabalho tem relação com a consolidação da pejotização como a base das contratações no futuro. “A tentativa é que nesse processo se emita uma decisão vinculante, então os juízes serão obrigados a seguir essa linha, não poderão agir de outro modo”, analisa Carelli, que faz o seguinte prognóstico: “a consequência é que, com isso, ninguém vai mais contratar na forma de emprego porque nela há várias obrigações envolvidas, a possibilidade de organização

via sindicato, tributos, garantias, então, mesmo os empregadores mais conscientes devem aderir. Se isso se tornar vinculante, todas as categorias estarão sujeitas”.

Além do impacto na arrecadação de impostos, outro ponto que demanda atenção, sob o ponto de vista estrutural, é a questão da Previdência Social. Somente no primeiro trimestre deste ano, com um aumento de 35%, foram registradas 1,4 milhão de novas Microempresas Individuais, chamadas de MEIs, uma das principais vias para o boom da pejotização. De acordo com um levantamento do Sebrae em parceria com a Associação Nacional de Estudos e Pesquisas em Empreendedorismo, no Brasil há cerca de 47 milhões de pessoas no sistema empreendedor, seja formalizado ou informal.

Dessa forma, existe a preocupação com a sustentabilidade da Previdência Social, da forma como foi constituída. “A previdência está em vias de desmonte completo em um curto espaço de tempo, já começou a apresentar problemas graves e deve ficar insustentável”, alerta Carelli.

O professor de Direito Trabalhista da UFRJ comenta que as reações dos sindicatos, por meio de notas públicas, ainda são bastante tímidas e ineficientes perante o desafio que está colocado. “São os setores empresariais que estão pressionando politicamente o STF. O Brasil está na contramão do mundo, os direitos trabalhistas estão a beira de um colapso total por conta dessa decisão, onde está a reação das organizações de trabalhadores, dos partidos políticos? O empresário enxerga somente o que é imediato”, diz. E completa: “o Estado existe para olhar lá na frente, o STF não está sendo consequente e as consequências serão drásticas e danosas para o Brasil”. ■



Jilmar Tatto e Gleide Andrade recebem a bênção do papa Francisco

# Lideranças do PT lamentam a morte do Papa Francisco e destacam legado

O presidente do PT, senador Humberto Costa, destacou que o pontífice realizou sua última missa em um domingo de páscoa, em que celebramos a ressurreição de Cristo

Agência PT

**E**m um dia de luto pela perda do Papa Francisco, que faleceu aos 88 anos, na madrugada desta segunda-feira (21), lideranças petistas utilizaram as redes sociais para lamentar o falecimento do santo padre e exaltar seu legado. Francisco atuou para realizar uma re-

forma na igreja e acolher os mais pobres, defender os direitos pessoais e coletivos, lutar contra as injustiças e denunciar perseguições no mundo.

O primeiro papa latino-americano atuou para que a igreja confirmasse os direitos das pessoas da comunidade LGBTQIA+ no mundo, denunciou os ataques e injustiças contra o povo da Palestina e clamou sua voz para pedir o combate à fome na humanida-

de. O presidente do PT, senador Humberto Costa, destacou que o papa deu sua última bênção em um domingo de páscoa. "Humilde, forte, um pastor devoto do seu rebanho. Vítima de uma pneumonia bilateral, o Papa Francisco superou a doença para surpreender os justos e dar aquela que seria a sua última vitória. Justamente, em um Domingo de Páscoa, em que celebramos a ressurreição de Cristo", escreveu Humberto.

O líder do PT na Câmara, Lindbergh Farias, exaltou a humildade em que Francisco transferiu seu papado ao longo de 12 anos à frente da Igreja Católica. “O mundo se despede hoje do Papa Francisco, o primeiro Papa latino-americano. Deixa um legado para todos nós de diálogo, simplicidade, humildade e trabalho em favor da Justiça Social e de quem mais precisa. Seguiremos nos inspirando em seus conselhos e ensinamentos. Descanse em paz, Papa Francisco!”, destacou.

A ministra Gleisi Hoffmann, da Secretaria de Relações Institucionais, afirmou que a fé do papa caminhou junto com a busca pela Justiça. “Com o coração apertado, nos despedimos do Papa Francisco. Liderou a Igreja com coragem, humildade e amor pelos que mais sofrem. Sua fé caminhou junto com a justiça, resgatando a esperança ao redor do mundo. Seus ensinamentos e posição de permanência entre nós. Siga em paz Francisco”, ressaltou.

O Vaticano informou a morte do Papa durante a madrugada. Francisco passou as últimas semanas internado em razão de uma pneumonia bilateral. Mas conseguiu superar o quadro a tempo de rezar com fidelidade durante a páscoa. “O Bispo de Roma, Francisco, retornou à casa do Pai. Toda a sua vida foi dedicada ao serviço do Senhor e de Sua Igreja. Ele nos ensinou a viver os valores do Evangelho com fidelidade, coragem e amor universal, especialmente em favor dos mais pobres e marginalizados. Com imensa gratidão por seu exemplo como verdadeiro discípulo do Senhor Jesus, recomendamos a alma do Papa Francisco ao infinito amor misericordioso do Deus Trino”, informou o Vaticano, em comunicado.

O deputado federal Jilmar Tatto, que visitou o Papa com a secretária nacional de Finanças



Ricardo Stuckert/PR

O presidente Lula comentou nesta terça-feira (22) a demora da Igreja Católica em escolher um papa latino-americano. Francisco foi o primeiro da história



Vatican Media

A presidenta do banco dos Brics e ex-presidenta da República Dilma Rousseff destacou pontificado humanista e corajoso de Francisco

e Planejamento do PT, Gleide Andrade, destacou que sob o comando do Papa, a igreja passou por uma transformação e que ele foi o Papa dos pobres. Perdemos o Papa Francisco, o Papa dos pobres. Sob seu comando, a Igreja Católica iniciou um processo de transformação. Bergoglio escolheu Francisco em homenagem ao arcebispo brasileiro Dom Cláudio Hummes, que pediu para que, em seu papado, ele não esquecesse dos pobres”, destacou.

O presidente Lula decretou luto oficial de sete dias e destacou que a missão do Papa Francisco

foi entregue com tolerância e solidariedade. “A humanidade perde hoje uma voz de respeito e acolhimento ao próximo. O Papa Francisco viveu e propôs em seu dia a dia o amor, a tolerância e a solidariedade que são a base dos ensinamentos cristãos. Assim como ensinado na oração de São Francisco de Assis, o argentino Jorge Bergoglio buscou de forma incansável levar o amor onde existia o ódio. A união, onde havia discórdia. E a compreensão de que todos somos iguais, vivendo em uma mesma casa, o nosso planeta, que precisa urgentemente dos nossos cuidados escritos”, Lula. ■



## Nota do PT: partido recebe com pesar falecimento do Papa Francisco

Morte de Jorge Mario Bergoglio foi confirmada pelo Vaticano nesta segunda-feira (21). PT manifesta sua gratidão pela luz que Francisco foi para o mundo

Partido dos Trabalhadores

**É** com profundo pesar que recebemos a notícia do falecimento de Jorge Mario Bergoglio, nosso querido Papa Francisco, uma figura singular que marcou o mundo com sua generosidade, humildade e incansável dedicação aos mais vulneráveis.

O primeiro pontífice latino-americano, Francisco representou como ninguém os valores de inclusão, solidariedade e cuidado com os desassistidos. Filho da

Argentina e de nossa América Latina, sua liderança espiritual transcendeu fronteiras ao inspirar milhões com sua mensagem de amor, paz e justiça.

Comprometido com questões sociais, ambientais e humanitárias, Francisco foi um pastor que acolheu toda a humanidade, resgatando os valores de simplicidade e compaixão com a convicção de que “ninguém se salva sozinho”. Sua postura nos ensinou a celebrar a dignidade humana, combater desigualdades e construir pontes em um mundo marcado por barreiras e preconceitos.

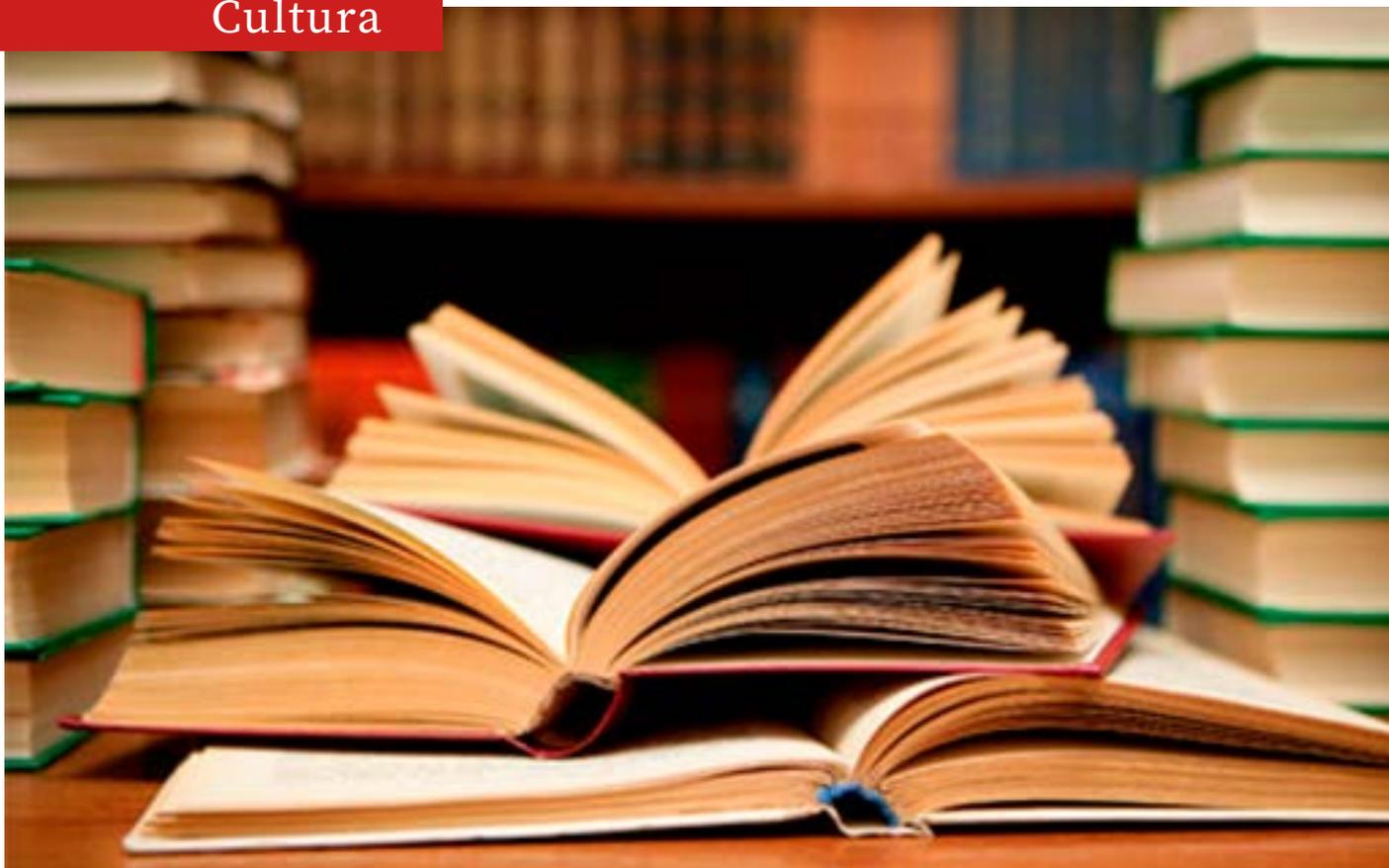
Apesar da dor de sua partida,

celebramos a vida extraordinária que ele dedicou ao serviço ao próximo e à luta por um mundo mais justo. Seu legado, marcado por gestos de solidariedade e amor, permanecerá vivo como inspiração para todos aqueles que acreditam em um futuro de igualdade e paz.

O PT manifesta sua gratidão pela luz que Francisco foi para o mundo e presta suas condolências à Igreja Católica e aos povos que hoje estão unidos em oração pela perda desse grande líder.

Que sua memória nos guie sempre na construção de um mundo mais humano e solidário. ■

Partido dos Trabalhadores



## Quatro livros para entender a América Latina

Obras estão disponíveis para download gratuitamente no site da Fundação Perseu Abramo

Henrique Nunes

**A** América Latina é uma das regiões mais complexas quando se trata de política. Ao oscilar entre ondas conservadoras e grandes movimentos progressistas ao longo das últimas décadas, seus países alimentam, ainda hoje, uma série de materiais teóricos que buscam compreendê-los para além do que vira notícia.

Essa compreensão, que passa pelo colapso econômico na Argentina e pela crise iminente no Equador, começa com a leitura de importantes livros sobre a forma-

ção política latino-americana. É por isso que a revista Focus selecionou quatro obras que servem de base para entender tais temas, ainda que muitos desses títulos tenham sido publicados em outros tempos.

São livros que oferecem uma visão analítica mais ampla sobre como, de fato, os países da região se integram - e também quando o marxismo passou a exercer influência decisiva nos desdobramentos históricos de cada um deles.

No caso do Equador, assunto do momento na América Latina, uma das obras traz um estudo sobre a Revolução Cidadã, projeto político e socioeconômico formulado por uma coalizão de políticos de esquerda com diversas organi-

zações sociais do país.

O Equador enfrenta hoje uma profunda crise social, política e econômica, marcada por violência crescente, instabilidade institucional e desafios à governabilidade. Tudo isso coincide com a eleição de Daniel Noboa, que derrotou a candidata da esquerda, Luisa González.

Já sobre a onda marxista, uma antologia reúne documentos, ensaios, artigos de intelectuais e resoluções de partidos e organizações que reconstróem a evolução histórica do marxismo na América Latina, desde o início do século XX até as primeiras décadas do novo milênio.

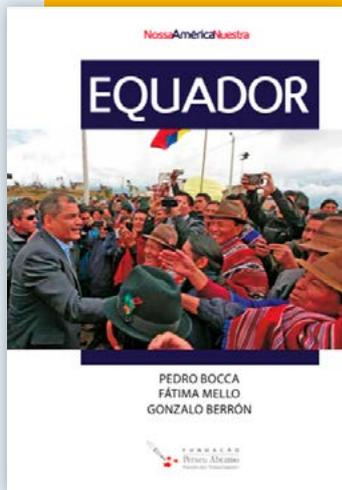
A seguir, confira todas as obras e baixe gratuitamente. Boa leitura.

## Equador: Nossa América Nuestra

Autor: vários

A coleção contém pequenos livros sobre alguns países da América Latina: Brasil, Venezuela, Paraguai, El Salvador, Equador, Cuba, Uruguai e Chile. Separamos para download o do Equador.

Neste volume, os autores apresentam um estudo sobre o país. Conheceremos mais sobre a Revolução Cidadã e os desafios para o desenvolvimento democrático e sustentável, promovido nos últimos anos naquele país.



[Clique aqui para baixar a coleção completa](#)

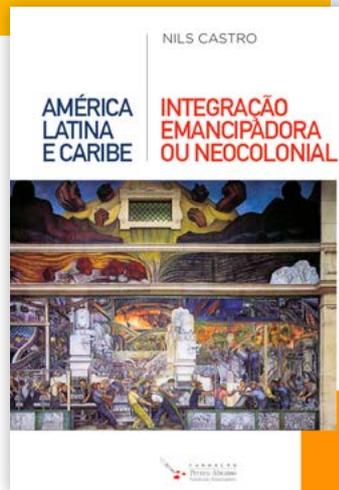
## América Latina: integração emancipadora ou neocolonial

Autor: Nils Castro

Este novo livro de Nils Castro traz aos leitores a sucessão de tratados de integração assinados e de organizações criadas, através da história, entre os Estados da América

Latina, em seus anseios de integração. Todos traziam a finalidade de acelerar o desenvolvimento econômico dos Estados e ampliar sua autonomia política. [...] Sempre houve duas estratégias distintas em suas justificativas – e opostas em seus objetivos – para enfrentar a questão da integração da América Latina: a neocolonial e a emancipadora. Essa última, um anseio difuso dos povos e de governos latino-americanos.

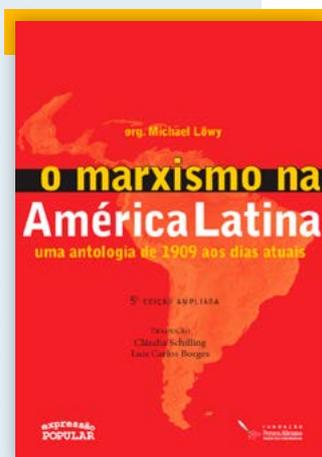
[Baixe aqui](#)



## O Marxismo na América Latina

Organizador: Michael Löwy

Esta antologia reúne documentos, ensaios, artigos de intelectuais, resoluções de partidos e organizações que reconstroem a evolução histórica do marxismo na América Latina, desde o começo do século XX até as primeiras décadas do novo milênio. Os textos – selecionados com critério pluralista – são precedidos de uma aprofundada introdução do organizador, Michael Löwy, que apresenta alguns pontos de referência para a história do pensamento marxista no continente. Assim, este livro – além de recuperar a memória marxista – é um importante instrumento de trabalho para todos os estudiosos da nossa história, para os investigadores do marxismo e para os militantes da esquerda latino-americana.



[Baixe aqui](#)

## A opção Sul-Americana: reflexões sobre a política externa

Autor: Marco Aurélio Garcia

A Fundação Perseu Abramo lança a Coleção MAG em homenagem ao intelectual, professor, militante, dirigente político e internacionalista Marco Aurélio Garcia. Este primeiro volume,

em coedição com o Instituto Futuro – Marco Aurélio Garcia, traz uma seleção de artigos sobre política externa que remetem ao período dos governos Lula e Dilma, quando a ação do Brasil teve um caráter abrangente, mas sempre levando em conta que a presença internacional do país ganharia mais consistência e eficácia quando associada às posições de toda a América do Sul.

[Baixe aqui](#)





# Em encontro com presidente do Chile, Lula sinaliza avanço da integração sul-americana

Durante coletiva à imprensa, nesta terça (22), o petista pregou consolidação da democracia, do multilateralismo e do livre comércio no continente. Presidentes assinaram série de atos bilaterais

Agência PT

O presidente Lula recebeu o presidente chileno, Gabriel Boric, nesta terça-feira (22), no Palácio do Planalto. A visita oficial de Estado marcou as comemorações do início das relações diplomáticas entre os dois países (22 de abril de 1836) e serviu à discussão de questões estratégicas, como a Rota Bioceânica,

projeto de infraestrutura que conecta o Atlântico ao Pacífico. Reunidos na sede da Presidência da República, os mandatários assinaram uma série de atos bilaterais.

Antes de se encontrar com Lula, Boric seguiu escoltado pela cavalaria presidencial até o Planalto. O presidente do Chile passou em revista às tropas e subiu a rampa para abraçar o petista, que estava acompanhado do ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira. As bandeiras, hasteadas a meio mastro, respeitaram o luto

oficial de sete dias decretado em homenagem ao Papa Francisco, falecido, na segunda (21), aos 88 anos.

As reuniões com Boric trataram do adensamento das relações Brasil-Chile, com foco, principalmente, em comércio e investimentos. Falando à imprensa, Lula defendeu a integração política e econômica do continente sul-americano. “É isso que nós precisamos pensar para consolidar [...] primeiro, a democracia; segundo, o multilateralismo; terceiro, o li-

vre comércio”, resumiu.

“Por isso, querido companheiro Boric, quero que você saia daqui do Brasil [...] com a certeza de que a nossa relação nunca mais será a mesma. Nós temos a obrigação de fazer com que ela seja melhor, melhor e melhor”, repetiu Lula.

O presidente chileno participou também de almoço oferecido pela primeira-dama, Janja Lula da Silva. Ao fim do dia, Boric comparece com Lula ao Foro Empresarial Brasil-Chile, evento promovido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em Brasília.

## Rota Bioceânica

A Rota Bioceânica está inserida na Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA). O corredor de aproximadamente 4 mil km de rodovias trará emprego e renda a ambos os países e facilitará o escoamento das exportações, reduzindo gargalos e contribuindo para desenvolvimento regional.

O projeto prevê a ligação dos portos de Santos (SP), Paranaguá (PR), São Francisco do Sul (SC) e Itajaí (SC) aos de Iquique, Mejillones e Antofagasta, esses três últimos no Chile. A ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, ficou encarregada de apresentar e descrever a Rota Bioceânica à comitiva chilena.

## Atos bilaterais

Depois de reunião privada em que debateram interesses mútuos, Lula e Boric firmaram diversos acordos bilaterais. Veja abaixo quais foram eles:

- Memorando de entendimento entre o Ministério das Relações Exteriores (MRE) e o Ministério das Relações Exteriores do Chile para cooperação em assuntos consulares e migratórios

- Acordo de cooperação entre Brasil e Chile em matéria de se-



Ricardo Stuckert/PR

“O bom negócio é aquele em que os dois países ganham”, diz Lula no Fórum Empresarial Brasil-Chile, em Brasília

gurança pública para fortalecer o combate ao crime organizado transnacional

- Tratado entre Brasil e Chile sobre assistência jurídica mútua em matéria penal

- Acordo entre Brasil e Chile de coprodução audiovisual

- Memorando de entendimento entre o Ministério da Defesa (MD) e o Ministério da Defesa Nacional do Chile para o intercâmbio de oficiais instrutores nos Centros de Operações de Paz de ambos os países

- Memorando de entendimento entre o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) e o Ministério da Agricultura do Chile visando à segurança alimentar

- Memorando de entendimento entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e o Ministério da Ciência, Tecnologia, Conhecimento e Inovação do Chile sobre cooperação em inteligência artificial

- Memorando de entendimento entre a Agência Brasileira de

Promoção de Exportações e Investimentos (Apex) e a ProChile para aumentar o intercâmbio comercial

- Memorando de entendimento para colaboração acadêmica entre a Escola Superior de Defesa (ESD) do Brasil e a Academia Nacional de Estudos Políticos e Estratégicos do Chile

- Memorando de entendimento para facilitar o intercâmbio de artistas e a difusão recíproca da arte entre os países

- Memorando de entendimento entre o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) e a Subsecretaria de Pesca e Aquicultura do Chile

- Acordo de cooperação sobre o uso da certificação eletrônica para o comércio de produtos de origem animal

- Memorando de entendimento entre o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e o Servicio de Cooperación Técnica (Sercotec) para impulsionar o crescimento de micro e pequenas empresas e de cooperativas. ■



# A geopolítica do Século XXI: a queda do império ianque

Análise crítica de Sibá Machado sobre o declínio da hegemonia dos Estados Unidos, o avanço da China e da Rússia, e o papel do BRICS na nova ordem mundial

Sibá Machado

O século XX foi marcado pela tomada do poder e liderança mundial pelos Estados Unidos da América das mãos de seu antecessor, a Inglaterra, utilizando-se de fatores como investimentos pesados na infraestrutura, na indústria, no poderio militar e principalmente nos resultados da Primeira Guer-

ra Mundial (1914-1918). A Europa destruída pela guerra teve que pedir financiamento dos EUA, que ganhou muito dinheiro nesta reconstrução, repetindo-se o cenário após a Segunda Guerra Mundial.

Toda crise no sistema capitalista é planejada e controlada pela extrema direita. Neste caso, o centro empresarial norte-americano promoveu uma bolha econômica que estourou em 1929, arrastando o mundo inteiro para o fundo do poço. Como se não bastasse, per-

mitiram a ascensão de Adolf Hitler ao comando da Alemanha. A Alemanha, responsabilizada pela Primeira Guerra Mundial, deu início à Segunda Guerra Mundial, sob a concessão e complacência dos EUA.

Entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, o mundo recebeu com alvoroço a notícia da Revolução Socialista na Rússia em 1917, que levou os bolcheviques ao poder. Isso marcou o início da Guerra Fria, que se instalou oficialmente em 1946, após o térmi-

no da Segunda Guerra Mundial.

É importante lembrar que os russos chegaram primeiro em Berlim, tomaram o controle de vários países do Leste Europeu e, ao final, dividiram a Alemanha.

## **Mostrando as garras e os dentes**

Os EUA passaram a controlar o lado ocidental do mundo com rédeas curtas. Para demonstrar quem mandaria no pedaço, tomaram ações como: lançaram duas bombas atômicas no Japão, para mostrar sua poderosa tecnologia de guerra ao mundo e enviar um duríssimo recado aos russos; criaram a OTAN como uma organização militar de autodefesa contra a Rússia; estabeleceram organismos internacionais como a ONU, a OMC, o FMI e o Banco Mundial, todos sob seu total controle; permitiram a criação da União Europeia, com o intuito de frear a Rússia; impuseram o dólar como moeda única para o comércio internacional; promoveram ataques contra países que não aceitaram sua política de dominação, criando ditaduras militares na América Latina, África e Sul da Ásia; estabeleceram a indústria da aculturação dos povos na música, artes, moda, cinema, imprensa e religião; forçaram países dominados a aceitarem a instalação de bases militares em seus territórios; criaram agências de espionagem como a CIA; e cooptaram cientistas, políticos, jornalistas, economistas e religiosos para garantir sua linha de pensamento nos países sob sua influência.

Por outro lado, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) se colocou como uma força de polarização no cenário da Guerra Fria. A URSS investiu bilhões em armas e poderio militar, alcançando paridade com os

EUA na corrida por armamentos nucleares no final da década de 1950. Também iniciou a corrida tecnológica aeroespacial, obrigando os EUA a enviar a primeira missão tripulada à Lua. A URSS passou a apoiar movimentos revolucionários no mundo inteiro, incluindo a Nicarágua e Cuba na América Latina. Criou o Pacto de Varsóvia como contraponto à OTAN, e a Guerra Fria durou até o final da década de 1980, com o fim da URSS e sua transformação na Rússia.

## **O fim da Guerra Fria e o início do neoliberalismo**

Com o fim da URSS, os EUA assumiram o controle total do mundo. Sem concorrentes, sem nada que os atrapalhasse, o terreno estava fértil para implantar o neoliberalismo, uma grande aldeia global. Nas décadas de 1960 e 1970, os EUA dominaram a América Latina através de ditaduras militares, com extrema crueldade, tortura, deportações e assassinatos. Na década de 1990, substituíram as ditaduras por governos “eleitos” pelo voto popular, como o governo de Fernando Collor de Melo no Brasil. Esses governantes tinham, e ainda têm, o papel de desmontar os Estados Nacionais, entregar as riquezas, privatizar empresas, pauperizar a população, liberar a corrupção generalizada e fazer “acordos comerciais” draconianos, como a ALCA, que Lula conseguiu desmontar em 2003. O Chile foi o primeiro país da América do Sul a aderir ao neoliberalismo e à ALCA, mas se arrependeu amargamente.

As décadas de 1980 e 1990 foram consideradas perdidas para o Brasil e para os países latino-americanos. O povo enfrentou evasão fiscal, sonegação, corrupção, desemprego, inflação, carestia, fome e miséria.

## **Nasce o século XXI: surge um dragão no cenário**

A China passou as décadas de 1980 e 1990 aprendendo sobre tecnologia, industrialização e gestão de empresas. O governo chinês atraiu empresas do mundo inteiro, estabelecendo condições favoráveis. No primeiro ano, as empresas tinham 95% de executivos de seu país de origem e 5% de chineses; no décimo ano, a direção dessas empresas era formada por 95% de chineses e 5% de executivos estrangeiros, além de um observador indicado pelo Partido Comunista Chinês. Assim, a China deu um passo largo para seu desenvolvimento.

Enquanto os EUA gastam “zilhões” de dólares em guerras, a China investe “zilhões” em alta tecnologia. A partir do início do século XXI, a China decidiu se tornar uma grande potência mundial, com a Rússia retomando seu papel no cenário.

## **Nasce o BRICS**

Em 2001, um economista do Goldman Sachs mencionou a sigla BRIC, se referindo aos países emergentes Brasil, Rússia, Índia e China. Esses países passaram a negociar entre si e, em 2009, o bloco foi oficialmente formado, com a África do Sul se juntando em 2011, criando a sigla BRICS. O bloco já conta com 11 países membros e várias solicitações em análise.

O BRICS entrou na disputa pela multipolaridade, defendendo regras comerciais, políticas e econômicas mais justas. Criou o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD) como alternativa ao FMI e ao Banco Mundial, apoiou países sob risco de ataques dos EUA, apoiou a descolonização da África e, principalmente, entrou na campanha pela desdolarização do comércio mundial, tornando-se um novo foco de conflitos globais.



## China e Rússia: pedra no sapato do Imperialismo

A China e a Rússia se tornaram a grande pedra no sapato do imperialismo dos EUA. Os EUA tiveram que abrir várias frentes de combate para manter sua supremacia, como atacar o BRICS e tentar evitar a desdolarização do comércio mundial. Sob o governo Biden, os EUA atacaram a Rússia por meio da OTAN/Ucrânia, impuseram sanções econômicas, confiscaram o dinheiro da Rússia depositado em bancos aliados dos EUA e criaram uma forte campanha de desinformação contra a Rússia.

Donald Trump, após uma fracassada tentativa de golpe em 2018, retomou o poder nos EUA. Seus objetivos ficaram claros: derrotar e acabar com a China, isolar a Rússia e destroçar o BRICS. Buscou desmontar organizações internacionais e locais para instaurar uma ditadura, destruir o comércio mundial com guerras de tarifas e criar instabilidade em seu próprio país. Trump também minou a confiança nos países aliados e subservientes. A grande pergunta que fica é: até quando?

Parece que a China e a Rússia estão bem preparadas para o em-

bate. A Rússia tem lidado com a guerra na Ucrânia de maneira eficaz. As sanções econômicas impostas à Rússia tiveram efeitos positivos, e, diante das ameaças feitas pelos países da OTAN, Putin afirmou que possui armas capazes de destruir o planeta em poucas horas. A Europa deixou de comprar petróleo e gás da Rússia e, por um preço mais elevado, passou a comprá-los dos EUA, colocando sua população e suas indústrias em risco de falência.

A China se tornou a segunda potência econômica do mundo e, segundo Xi Jinping, será a maior potência até 2049, ano do centenário da Revolução Socialista Chinesa. A China investe pesadamente em tecnologia, abrindo suas portas para empresas de alta tecnologia, como a Tesla, cuja maior fábrica está na China. O país também é líder em várias corridas tecnológicas e já opera mercados sem o uso do dólar. A dúvida que persiste é sobre seu sistema militar.

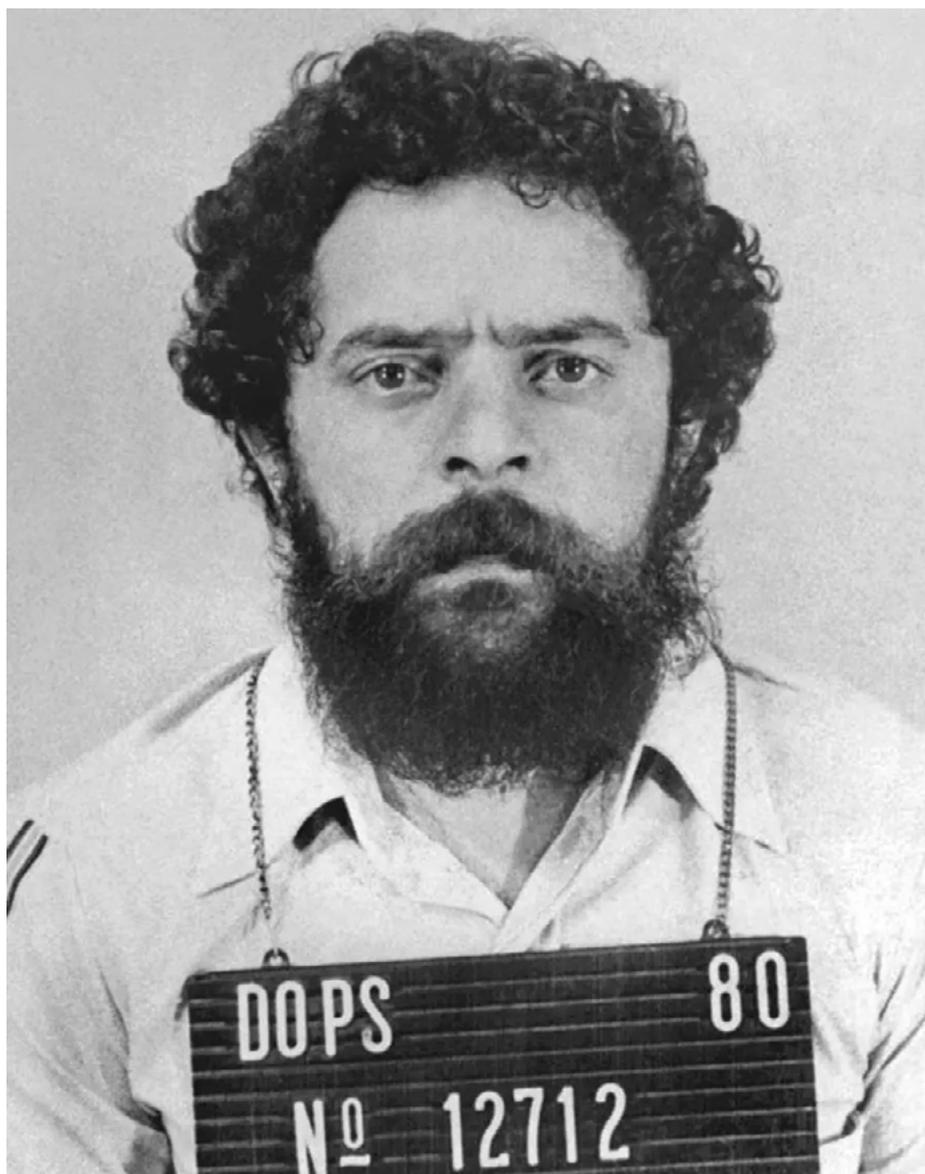
A China, que criou a Rota da Seda nos séculos passados, reeditou essa política no século XXI e está financiando a construção de infraestrutura pesada na África, Ásia e América Latina. Enquanto

os EUA financiam guerras e ditaduras, a China e a Rússia estão levando dinheiro e investimento para esses países.

É possível uma escalada para uma Terceira Guerra Mundial? Tudo é possível na mente de um líder imprudente até que ele encontre seu destino. Se Putin não estiver blefando sobre seu potencial bélico, se a China já tiver um arsenal militar de alta destruição escondido, e se uma terceira guerra mundial for inevitável, o uso de armas nucleares seria quase certo. Se essas armas forem tão poderosas quanto Putin afirma, em uma guerra com tal capacidade de destruição, após o conflito, não haverá um avô para contar a história da humanidade, nem um neto ou neta para ouvi-la!

Será que isso tudo é apenas bravata? Tomara que sim. Porém, é uma situação cruel e real para os mais fracos. O fascismo e o nazismo são males profundos que afligem aqueles que comungam da extrema direita. Se conseguirmos erradicar o fascismo, o mundo poderá se tornar um paraíso. Sem Anistia para Bandido Golpista, Cadeia Já para Todos os Traidores do Brasil! ■

Sibá Machado é geógrafo e militante do Partido dos Trabalhadores



19/04/1980

## Força bruta desaba sobre o abc; Lula é preso

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Luiz Inácio da Silva, é preso em casa e indiciado na Lei de Segurança Nacional, junto com outros dez dirigentes sindicais do ABC. As prisões ocorrem no 19º dia da paralisação por reajuste salarial e estabilidade no emprego, que mobilizava mais de 200 mil metalúrgicos. A greve de 1980 marcou o mais longo enfrentamento entre os trabalhadores e

a ditadura desde o golpe de 1964. Os operários reivindicavam reajuste de 15% acima do índice oficial do governo. Exigiam também estabilidade por 12 meses para evitar que o reajuste obtido fosse anulado pela prática do “turnover” – as empresas costumavam demitir funcionários em massa após a negociação, substituindo-os por outros com salários menores.

A mobilização foi tão intensa que o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) declarou-se incompetente para determinar a ilegalidade da greve. O TRT estabeleceu um reajuste de 7%, sem estabilidade. A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) recusou-se a negociar com os sindicatos e o governo reforçou a intransigência patronal. Para intimidar os grevistas, helicópteros militares sobrevoaram as assembleias no estádio da Vila Euclides, em São Bernardo do Campo. No 17º dia de greve, dois dias antes das prisões, mesmo sem a declaração de ilegalidade, o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, decretou intervenção nos sindicatos de São Bernardo e Santo André.

Como havia ocorrido no ano anterior, Lula e seus companheiros transferiram o comando de greve para a igreja matriz, cedida pelo bispo dom Cláudio Hummes. Mas a prisão dos dez dirigentes sindicais (junto com dois advogados e um jornalista, liberados no mesmo dia) mudaria o caráter do movimento, que passou a reivindicar a libertação de Lula e seus companheiros. A repressão então caiu sobre a igreja matriz com tropa de choque, bombas, cães e carros blindados, que lançavam jatos de água. A Polícia Militar tomou o estádio de Vila Euclides e foram proibidas assembleias no local. Foi proibido também um show de Chico Buarque e outros artistas em apoio à greve, marcado para o final daquela semana. Lula e os demais presos ficaram incomunicáveis por oito dias numa cela do Dops, em São Paulo, mas a greve prosseguiu.

A tensão chegou ao clímax na manhã de 1º de Maio, quando dom Claudio e outros bispos celebraram missa em apoio aos

trabalhadores. Todos os acessos a São Bernardo foram fechados. Helicópteros militares cruzavam o céu. Milhares de policiais cercaram a igreja e ocuparam as ruas mais importantes da cidade para impedir a realização de uma passeata depois da missa. O senador Teotônio Vilela (PMDB-AL) e outros políticos da oposição tentaram negociar a saída pacífica da cerimônia. Em vários pontos da cidade, grupos aguardavam para sair em passeata, cercados e ameaçados pelas tropas. Por volta das 11h, o comandante da PM, coronel Arnaldo Braga, recebeu ordem de desmobilizar a repressão. “Ordens superiores. Tá tudo liberado”, disse o oficial ao senador.

Saindo da igreja e de outros locais de concentração, 100 mil pessoas caminharam em passeata até o estádio, retomadas pelos trabalhadores. Cantavam “Caminhando”, de Geraldo Vandré, e gritavam: “Se não soltar o Lula, ninguém vai trabalhar”. A greve prosseguiu, mas a partir daquele dia, o 30º dia de paralisação, os grevistas podiam ser demitidos sem direitos por abandono de emprego.

Em 9 de maio, Lula e os outros dez sindicalistas presos iniciaram greve de fome para forçar a abertura de negociações, mas a Fiesp permanecia irredutível. Em 11 de maio, após 41 dias de paralisação, os metalúrgicos decidiram suspender a greve e iniciar uma operação tartaruga. Osmar Mendonça, o Osmarzinho, da comissão salarial, e Juracy Batista Magalhães, suplente da diretoria cassada, foram presos ao final da assembleia e levados para o Dops.

Em 20 de maio, o juiz da Auditoria Militar revogou a prisão de Lula e dos outros 12 sindicalistas. Mais de mil trabalhadores que se destacaram na greve já haviam sido demitidos. No domingo seguinte, 25 de maio, assembleia na Vila Euclides aclamou a diretoria

cassada do sindicato como única representante da categoria. A intervenção na entidade iria durar até abril de 1981.

Mesmo sem obter ganhos salariais, a greve de 1980 marcou o avanço da organização e da consciência política dos trabalhadores. Foi a mais longa das greves, a que foi mais longe no enfrentamento aos patrões e ao regime e consolidou o divórcio entre a ditadura e a sociedade civil. O general Milton Tavares de Souza, comandante do 2º Exército, usou o surrado discurso da “infiltração comunista no movimento grevista e na imprensa”. No entanto, em conversas com políticos da Arena, divulgadas pelos jornais da época, o general presidente João Baptista Figueiredo reconheceu que a greve havia provocado “um desgaste enorme para o governo”. A mobilização social e política em solidariedade ao movimento foi intensa em todo o país.

O show musical proibido em abril acabou ocorrendo no 1º de Maio. Chico Buarque gravou um disco com renda para o fundo de greve. Uma das canções era “Linha de Montagem” (Chico Buarque e Novelli), inspirada na paralisação dos metalúrgicos:

*“As cabeças levantadas,  
Máquinas paradas, dia de pescar  
Pois quem toca o trem pra frente  
Também de repente pode o  
trem parar”*

A repressão ao movimento expôs os limites do projeto de “abertura” do general Figueiredo. “Os metalúrgicos demonstraram que a abertura não é uma dádiva, ela tem de ser conquistada por nós”, disse Lula ao sair da cadeia. “Nós nunca acreditamos nessa abertura do governo, que não tem espaço para os trabalhadores.” O enfrentamento com a ditadura e os patrões ao longo da greve consolidou entre os trabalhadores do ABC a força emergente do PT, criado em janeiro daquele ano.



21/04/1993

## Brasil se confirma presidencialista

Por determinação da Constituição de 1988, cinco anos depois de sua promulgação os eleitores são consultados sobre a forma e o sistema de governo que devem prevalecer no país. Os brasileiros optam pela manutenção da República e do sistema presidencialista. A convocação do plebiscito foi uma solução na Constituinte para atender às postulações dos defensores do parlamentarismo e do presidencialismo.

A campanha foi curta, com propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão para as três frentes registradas: a parlamentarista, a presidencialista e a dos defensores da monarquia constitucional.

O comparecimento às urnas foi de 74,3%, ligeiramente inferior aos das eleições gerais. A forma republicana de governo foi aprovada por 66%; o sistema presidencialista, por 55,6% – ambos os percentuais consideram o total de votos, incluindo brancos e nulos.

O plebiscito estava previsto para ocorrer em setembro, mas foi adiantado para abril para permitir que o país se preparasse para as eleições gerais de 1994. A lei eleitoral precisa ser aprovada um ano antes do pleito para ter vigência, também por determinação constitucional.



23/04/1993

## Caravanas vão ao Brasil profundo

Durante 20 dias, entre 23 de abril e 12 de maio, uma caravana liderada por Luiz Inácio Lula da Silva percorre 4.500 quilômetros em sete Estados. Organizada pelo Instituto da Cidadania, seu propósito é conhecer de perto os problemas enfrentados pelos brasileiros de áreas remotas, raramente mostrados pelos meios de comunicação ou pela publicidade oficial. Essa seria a primeira de uma série de sete Caravanas da

Cidadania, idealizadas pelo líder petista em 1989.

O objetivo de Lula era o de construir, pelo diálogo com a população, uma alternativa de governo popular e democrático que respondesse às reais necessidades do país. Foi uma experiência sem precedentes na política brasileira, na qual tradicionalmente os políticos só buscavam os eleitores na época das eleições.

Técnicos, especialistas, sindi-

calistas, lideranças do PT e jornalistas integravam as caravanas, registrando os encontros com as comunidades visitadas. Os roteiros não incluíam cidades ricas ou a costa brasileira e privilegiavam os chamados grotões. Nos contatos com a população, Lula, em vez de discursar, entrevistava as pessoas, procurando ouvi-las e conhecer de perto seus problemas. A maior parte dos locais visitados não tinha peso eleitoral e jamais havia recebido a visita de um presidente. A presença de Lula reforçou nos moradores a autoestima e o sentimento de pertencimento ao país.

Os integrantes das caravanas enfrentavam longas viagens de ônibus e hospedavam-se geralmente na casa de cidadãos das comunidades. A primeira caravana partiu de Garanhuns (PE), terra natal de Lula, e terminou em Vicente de Carvalho, distrito pobre de Guarujá (SP) para onde sua família havia migrado em 1952. Ao longo da viagem, aconteceram mais de cem encontros e atos públicos em 68 cidades. Outras seis caravanas seriam realizadas até 1994, alcançando um total de 359 cidades e percorrendo 80 mil quilômetros. Em 2001, partiriam três novas caravanas em visita a 47 cidades em sete Estados.

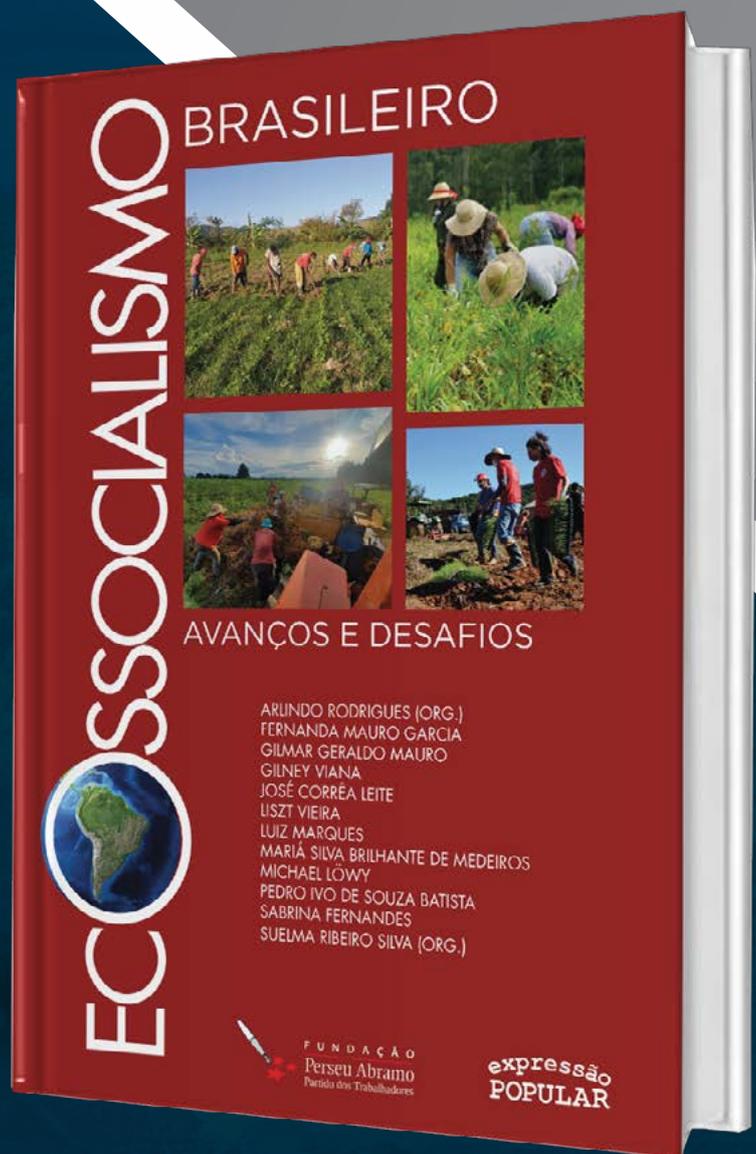
Dois livros e um vídeo relatam em detalhes essa experiência pioneira: “Viagem ao Coração do Brasil” (editora Scritta, com vídeo da TV dos Trabalhadores) e “Diário de Viagem ao Brasil Esquecido”, da mesma editora.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br)

[memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)

# SAIBA MAIS SOBRE A **LUTA AMBIENTAL** INTERNACIONAL E BRASILEIRA

A segunda edição do livro **Ecosocialismo brasileiro – avanços e desafios** é uma leitura necessária! A realidade da crise climática nos obriga a encontrar respostas para a consolidação de um modelo de desenvolvimento voltado para a melhoria da qualidade de vida, distribuição de renda, acesso a serviços essenciais e a preservação das condições da regeneração ambiental.



ACESSE A VERSÃO ELETRÔNICA:

[fpabramo.org.br/publicacoes/estante/ecossocialismo-brasileiro-avancos-e-desafios](http://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/ecossocialismo-brasileiro-avancos-e-desafios)

Edição impressa disponível nas livrarias ou na loja virtual da coeditora, **Expressão Popular**.



FUNDAÇÃO  
**Perseu Abramo**  
Partido dos Trabalhadores

**expressão  
POPULAR**